

José Antunes da Silva

São José Freinademetz

TERRA, MAR e CÉU



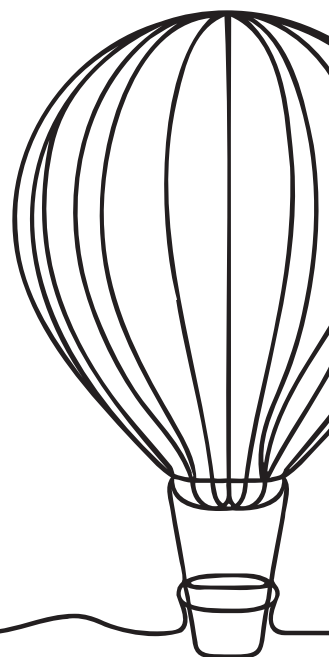
MISSIONÁRIOS DO
VERBO DIVINO

São José Freinademetz

TERRA, MAR e CÉU



José Antunes da Silva

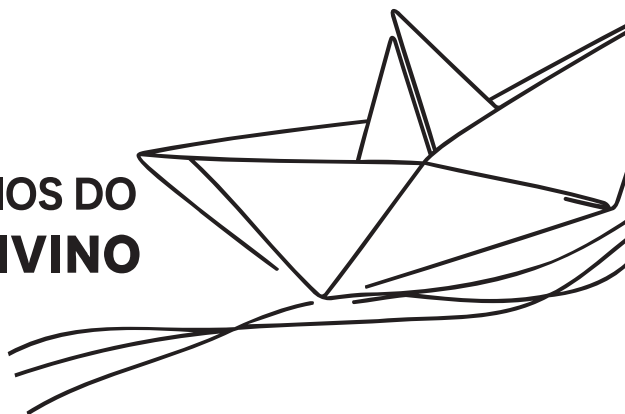


São José Freinademetz

TERRA, MAR e Céu



 MISSIONÁRIOS DO
VERBO DIVINO



Título: São José Freinadmetz | Terra, mar e céu

Autor: José Antunes da Silva, SVD

Impressão: Gráficamares, Lda.

Depósito Legal: 549193/25

ISBN: 978-989-97552-9-1

©Missionários do Verbo Divino

Apartado 2 | 2496-908 Fátima

www.verbodivino.pt

Junho 2025

PREFÁCIO

Ao chegar à pequena aldeia de Oies, situada aos pés das montanhas Dolomitas, destacam-se duas construções na paisagem. A primeira é a antiga casa da família Freinademetz, construída em 1739, e a segunda é a igreja do final da década de 1990, em honra do santo tirolês. A primeira é naturalmente no estilo do Val Badia, enquanto a segunda reproduz o traçado oriental dos templos chineses. Entre as duas há uma pequena ponte, uma passagem entre os dois mundos de Ujöp, ou seja, José, na sua própria língua.

Em 2025, a Congregação dos Missionários do Verbo Divino celebra o 150.º aniversário da sua fundação, que coincide com o 150.º aniversário da ordenação sacerdotal de José Freinademetz. A fundação da casa missionária de Steyl funcionou como uma ponte que permitiu a Freinademetz descobrir um novo mundo.

Neste contexto, entre cruzar pontes e descobrir novos mundos, o padre José Antunes da Silva propõe algo mais: contemplar o caminho, observar a terra,

o mar e o céu. Ele apresenta-nos a viagem do santo tirolês, Ujöp de Oies, de tal forma que a jornada e o desejo missionário daquele jovem sacerdote nos enchem os olhos e o coração com a missão que ultrapassa fronteiras. É praticamente impossível não nos sentirmos convidados a fazer essa viagem juntos.

Primeiro, por terra, para reconhecer a nossa própria história e vocação. Tomando a decisão de partir rumo ao desconhecido, mesmo que este novo mundo esteja apenas a algumas horas de distância. O percurso por terra exige força e determinação para dar o primeiro passo e prosseguir. O autor narra o primeiro êxodo de Freinademetz a partir do seu mundo familiar em Oies, entre as montanhas de Val Badia, até à cidade de Bressanone, como o despertar de uma vocação reconhecida por outros e assumida pelo jovem José. É o momento em que a casa materna parece demasiado pequena. Ao atravessar as montanhas, Freinademetz percebe que o seu “tudo” não passa de uma pequena parte. E essa noção não só o acompanhará por toda a vida, como o habilitará a enfrentar o que está para vir.

Perante o chamamento à missão, não há possibilidade de nos determos num único lugar. É necessário seguir em frente. Assim, o caminho exaustivo por terra dá lugar ao desconhecido e longínquo mar. José Antunes descreve essa viagem mar adentro como o caminho necessário para se atingir o destino. Trata-se de uma imagem que parece

estar no subconsciente de um povo de navegadores como os portugueses, mas que está também repleta de significados bíblicos. Freinademetz atravessa o mar e vê a sua terra cada vez mais longe. O mar não é o local da missão, mas uma etapa necessária para esta. É uma passagem entre dois mundos.

O céu é a meta e é aqui apresentado como a nova terra. Outra imagem bíblica evoca a nova terra ligada ao novo céu, tal como descrito no livro do Apocalipse. Para Freinademetz, alcançar a terra de missão ainda não significa cumprir a missão. É preciso pôr os dois pés no chão para que o céu se concretize. Estamos perante um novo tempo, um tempo de permanência.

O autor apresenta-nos este percurso missionário sob o ponto de vista da contemplação, analisando a vida do nosso santo missionário, a história da Congregação do Verbo Divino e as Sagradas Escrituras. Na verdade, o que está em questão são a pessoa, o meio e o conteúdo da ação missionária de Freinademetz. A releitura que José Antunes faz é, simultaneamente, uma síntese e um convite para abraçar a vida missionária, tanto para consagrados como para leigos associados à missão do Verbo Divino. O autor não pretende escrever uma obra histórica, mas sim um testemunho missionário.

O P. José Antunes, que tem uma longa experiência de missão entre comunidades cristãs no Gana, em África, e com jovens universitários em Portugal, bem

como no governo provincial e geral da Congregação do Verbo Divino, é a pessoa indicada para dar o seu testemunho e partilhar a sua visão contemplativa sobre a vida missionária verbita, na qual José Freinademetz ocupa um lugar de destaque.

A frase final do percurso de Freinademetz deve interpelar-nos: “Quero permanecer entre os chineses”. Foram 56 anos de vida e caminho, entre a terra, o mar e o céu. No entanto, a certeza de que o caminho foi correto chega com o desejo de permanecer em missão. Esse é o desafio com que cada um de nós, missionários do Verbo Divino, se depara. Chegar a ponto de dizer: “Quero permanecer em missão”. Permanecer em estado de missão, independentemente do local onde nos encontremos. Permanecer em missão é uma graça que Freinademetz alcançou. Acredito que, aos olhos do autor, essa graça se estenda a todos nós. Que este percurso de vida transcrito neste livro nos anime missionariamente neste ano do Jubileu dos 150 anos da Congregação do Verbo Divino e do início do ministério sacerdotal de São José Freinademetz, o missionário feliz.

Anselmo R. Ribeiro, SVD
Superior Geral

INTRODUÇÃO

No dia 20 de abril de 1879, chegaram a Hong Kong os primeiros padres missionários do Verbo Divino, João Baptista Anzer e José Freinademetz. A China era a primeira missão que a Igreja confiava à casa missionária fundada em 1875, em Steyl, na Holanda, por Arnaldo Janssen, um sacerdote alemão. Nos anos seguintes, outros missionários de Steyl – sacerdotes, irmãos e religiosas – partiram para a China, seguindo os passos daqueles dois pioneiros. José Freinademetz nunca mais regressou à Europa, permanecendo na China até à sua morte em 1908, dedicando a sua vida ao serviço da proclamação do Evangelho. A sua entrega total à missão e o seu genuíno amor ao povo chinês são, ainda hoje, inspiração para muitos cristãos. Ele é modelo de missionário para os nossos dias pois soube cruzar fronteiras geográficas e barreiras culturais para estar próximo de grupos e pessoas diferentes. Não tardou que a Igreja reconhecesse as suas virtudes e santidade. O Papa Paulo VI beatificou-o no dia 19 de outubro de 1975 e João Paulo II canonizou-o no dia 5 de outubro de 2003, inserindo o seu nome no cânone dos santos.

José Freinademetz foi ordenado sacerdote em 1875 na sua diocese, Brixen, no Tirol, que na altura fazia parte do império austríaco. Desde jovem sentia-se atraído pela vida missionária e, assim que teve conhecimento que um sacerdote alemão, Arnaldo Janssen, abrira uma casa na Holanda para preparar futuros missionários, José entrou em contacto com ele. Após alguns meses em Steyl e apenas quatro anos depois da ordenação sacerdotal, chegou à China cheio de entusiasmo missionário e fervor apostólico. Enraizado na cultura do seu Tirol natal, profundamente influenciada pela religiosidade católica e formado segundo a teologia do seu tempo, Freinademetz em breve reconhecerá que precisa de fazer um longo caminho de aproximação e adaptação aos costumes e tradições da China para compreender a mentalidade dos chineses e assim poder trabalhar mais eficazmente ao serviço do anúncio do Evangelho.

Ao partir para a China, em 1879, Freinademetz tinha um único objetivo: «salvar almas para o céu». Porém, pouco depois de chegar, reconhece que precisa de tempo para formular juízos sobre os chineses: «Por agora não quero dizer nada sobre os nossos chineses, a sua disposição, carácter e costumes. Estou ainda há muito pouco tempo na China para emitir um juízo». Dois anos após a sua chegada à China, escreve: «Como se despertasse de um sonho profundo, vi-me de repente num mundo inteiramente novo, e que mundo! Tudo mudou, e eu também». Noutra ocasião, numa carta ao

seu amigo e benfeitor, o tecelão Francisco Thäler, escreve com um fino sentido de humor: «É estranho andar sempre sem nada na cabeça como um ladrão. A cada oito ou quinze dias é necessário rapar a cabeça, como entre vós se faz com a barba, e depois fazer uma trança que nós chamamos cauda [de cavalo]. Ah, meu caro tecelão, se eu pudesse visitar-te uma vez com minha cabeça de chinês: que risada! Mas é assim que nos devemos deixar tratar, para os ganhar mais facilmente para o Sagrado Coração» (23 de julho de 1880).

Com o passar dos anos, Freinademetz foi compreendendo que para anunciar Jesus Cristo era necessário passar por uma metamorfose completa, sobretudo interior. Comentando o facto de se vestir já como os chineses, escreve: «A tarefa mais importante está ainda pendente: a transformação do homem interior. O estudo da mentalidade chinesa, dos costumes e usos, do carácter e atitudes, tudo isto não é coisa de um dia, nem de um ano e não se conseguirá sem alguma dolorosa operação». Essa dolorosa operação, que ele intuiu ser necessária já nos primeiros contactos com o povo chinês, consistiu num longo e persistente processo de inserção na cultura e mentalidade chinesas, o que o levou a abandonar os estereótipos e preconceitos europeus relativamente aos outros povos que eram comuns naquela época. Anos mais tarde, numa das suas cartas, confessa: «Os chineses são um povo maravilhoso que possui excelentes qualidades e virtudes... Eu amo a China e a

sua gente e mil vezes quisera morrer por eles, ... quero continuar a ser chinês também no céu».

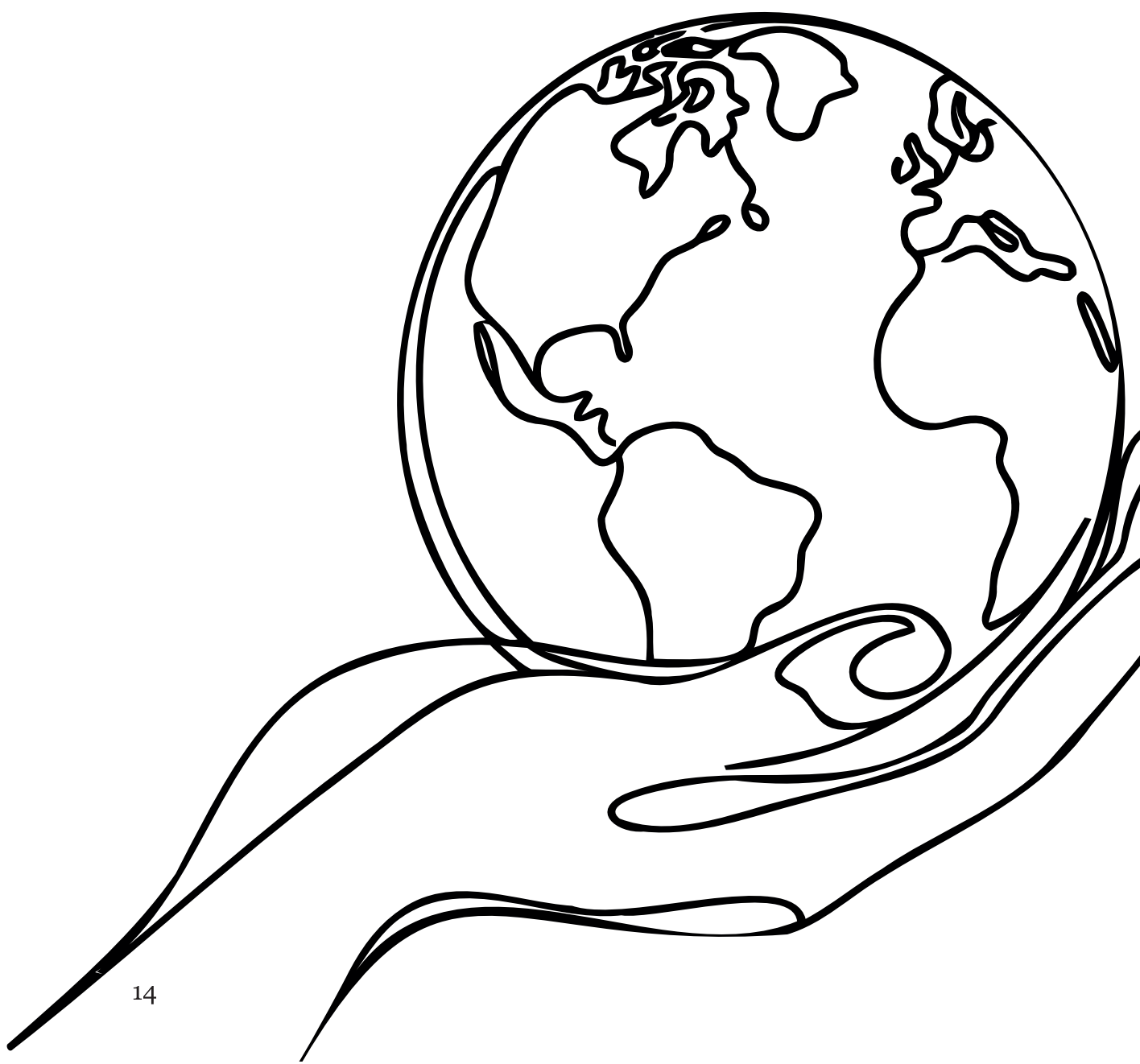
Este livro não é mais uma biografia de São José Freinademetz. Quem quiser conhecer a sua vida, atividades apostólicas, pensamento e espiritualidade, tem uma excelente fonte na biografia escrita por Fritz Bornemann. O meu objetivo é muito simples: destacar algumas características da personalidade de José Freinademetz, dando relevo à progressiva transformação interior que foi moldando o modo de entender uma cultura diferente da sua; realçar as bases humanas e espirituais que lhe davam força para enfrentar as dificuldades; e mostrar qual era razão profunda que dava sentido à sua vida e à sua vocação missionária. Para alcançar este objetivo, ousou perspetivar a sua vida como uma viagem entre a terra e o céu, entre o seu Tirol natal e a sua amada China. No entanto, entre a terra e o céu está o mar, que ele teve de atravessar para alcançar o campo da missão. A sua vida foi uma viagem da terra ao céu, viagem de crescimento na fé, entrega à missão e amor ao povo chinês.

Esta proposta – que é certamente discutível – consiste em fazer uma leitura da vida de São José Freinademetz como uma sucessão de passagens, uma viagem que se desenrola em várias etapas. Neste sentido, podemos ler a sua vida segundo a grelha hermenêutica proposta por antropólogos como Van Gennep e Victor Turner, os quais interpretam a vida

humana como uma sucessão de passagens rituais. No livro *Rites of Passage*, Van Gennep refere que os ritos de passagem, no decurso de uma vida, estão presentes em todas as culturas: «A vida de um indivíduo, independentemente do tipo de sociedade, consiste em passar sucessivamente de uma idade para outra e de uma ocupação para outra». Por sua vez, Victor Turner, defende que os ritos de passagem têm uma estrutura tripartida: ritos de separação, ritos da marginalização e ritos de incorporação. O primeiro inclui ritos que marcam a separação do indivíduo relativamente ao seu estado anterior, o segundo abrange o período no qual o indivíduo, embora já não esteja no papel antigo, ainda não entrou num novo período existencial ou função social. É através do terceiro conjunto de ritos, os de incorporação, que o indivíduo se reintegra na sociedade, assumindo um novo estatuto e uma nova função. Exemplos de ritos de passagem são, nalgumas culturas, os ritos de iniciação à idade adulta ou o casamento. No cristianismo, por exemplo, são marcos importante na vida do indivíduo e da comunidade cristã, os ritos do batismo, confirmação e matrimónio.

Os rituais de passagem constituem um elemento importante na doutrina e na prática das religiões. Entre os rituais de passagem mais populares e presentes em quase todas as religiões estão as peregrinações. Fazer uma peregrinação, por exemplo a um santuário, requer sair de casa (separação), caminhar (estar entre o passado e o futuro) e chegar

(incorporar-se numa nova realidade). Neste sentido, podemos comparar a vida de São José Freinademetz a uma viagem, a uma peregrinação. Essa peregrinação, que o marcou para sempre, começou quando se separou do seu querido Tirol natal, da sua família, dos seus amigos, língua, cultura, paisagens, alimentação e cruzou os mares em nome de Cristo, não sabendo quase nada sobre o que o esperava do outro lado do mundo. No final da viagem, a China que, ao princípio lhe pareceu tão misteriosa e hostil, tornou-se o paraíso onde quis permanecer para sempre.



1. A TERRA

Nós pertencemos à terra em que nascemos e somos influenciados pela geografia onde demos os primeiros passos. Ainda que disso não tenhamos plena consciência, não é a mesma coisa ter nascido e crescido nos vales verdejantes do Minho ou nas planícies douradas do Alentejo, numa pequena aldeia da Beira ou numa grande metrópole. E, quando mais tarde, por motivos de trabalho ou opções de vida, estamos longe da nossa terra natal, continuamos intimamente ligados àquele espaço geográfico onde pela primeira vez vimos a luz do dia e a cor do céu. Faz-nos sempre bem regressar a esse lugar original, porque ele inclui também as pessoas que o habitam. Na verdade, mais do que a geografias, pertencemos a pessoas.

Bernardo Soares, um dos heterónimos de Fernando Pessoa, é um simples ajudante de guarda-livros num escritório comercial situado na Rua dos Douradores, na cidade de Lisboa. O *Livro do Desassossego* recolhe os pensamentos, estados de alma e emoções que vão brotando da sua rotina quotidiana. Apesar de



viver numa grande cidade, o espaço onde Bernardo Soares transcorre os dias é relativamente pequeno, pois mora também na mesma rua. É ali que vive, trabalha, sonha, escreve; aquela rua é o seu mundo. A determinado passo afirma: «esta Rua dos Douradores compreende para mim todo o sentido das coisas». E, noutra ocasião, escreve: «Se eu tivesse o mundo na mão, trocava-o, estou certo, por um bilhete para Rua dos Douradores», pois lá no fundo, «serei sempre da Rua dos Douradores, como a humanidade inteira». A Rua dos Douradores é para Bernardo Soares o lugar mais precioso do mundo, pois é ali que se sente em casa e tudo para ele faz sentido.

Oies

José Freinademetz nasceu no dia 15 de abril de 1852 em Oies, um pequeno lugar da paróquia de São Leonardo de Val Badia, nos Alpes Dolomitas, no norte da Itália. Na altura, aquela região do Tirol fazia parte do império austríaco. Atualmente esta região é muito procurada pelos turistas para praticar desportos de montanha, quer no inverno quer no verão. Mas, em 1852, quando José nasceu a situação era diferente. Oies era um lugar isolado e de difícil acesso. A língua materna de José era o ladino, uma língua românica, derivada do latim, tal como o italiano, o espanhol, o francês e o português. Em ladino, o seu nome é

Ujöp. Em 1879 partiu para a China como missionário e nunca mais regressou a Oies, mas Oies nunca saiu do seu coração. Uma semana depois de chegar Hong Kong, numa carta dirigida à família, escreve: «Agora aqui em Hong Kong já não encontro a bela Badia e não a encontrarei jamais, até que andemos juntos a procurar a nossa verdadeira pátria acima das estrelas. Em vão encontrarei aqui a minha casa paterna, Oies, sem dúvida o lugar mais belo do mundo; em vão encontrarei também aqui o meu pai, a minha mãe, os meus irmãos e irmãs e tantos bons amigos, que estão para além do mar» (28 de abril de 1879).

Oriundo dos vales do Tirol onde se fala ladino, na sua variante badiot, depressa descobre que pertence a uma minoria. Da cidade de Alexandria, onde o barco fez escala, envia uma carta aos pais e amigos onde diz: «Alexandria, que talvez seja a segunda cidade do Egipto, era como um mundo novo para mim. Existem cerca de 250.000 habitantes, entre os quais há 40.000 católicos. Vê-se gente de todo o mundo, brancos, negros, morenos, e etc., fala-se uma língua, talvez a mais difícil do mundo, que é o árabe; mas também se ouve falar italiano, alemão, francês, inglês, exceto badiot, porque não há nenhum badiot em Alexandria». E, numa carta aos familiares, repete a mesma ideia quando diz que em Hong-Kong, na casa episcopal onde está hospedado, ninguém fala ladino: «Temos muitas línguas para aprender, porque aqui fala-se chinês, italiano, alemão, português, francês e inglês, só que

não [se fala] *badiot*, a não ser eu comigo próprio» (28 de abril de 1879).

Os seus pais chamavam-se João Matias Freinademetz e Maria Sottvalgiarai. Tiveram treze filhos, quatro dos quais morreram ainda crianças. José foi o quarto filho. Era uma família piedosa na qual as práticas religiosas tradicionais estavam sempre integradas com as tarefas diárias. A família participava nas atividades da paróquia. Subiam também, em peregrinação, à capela de Santa Cruz, um santuário do século XV muito querido pelos habitantes de Val Badia, situado na montanha a dois mil metros de altitude. José frequentou a escola primária em Badia, tendo por isso de se levantar bem cedo para descer a montanha até à escola. Em Badia também frequentou a catequese.

O lugar onde nascemos e crescemos marcará para sempre a nossa vida, os nossos comportamentos, a nossa visão do mundo e da sociedade. Marcará também a nossa vida religiosa ou a ausência dela. Socialização ou enculturação é o nome dado pelos antropólogos ao processo de aprendizagem de uma cultura, uma maneira de ser e de estar através da qual um indivíduo se torna membro de uma sociedade. Este processo desenrola-se primeiramente através da observação e da imitação. Desde tenra idade, as crianças aprendem a comportarem-se dentro dos limites considerados aceitáveis pela sua cultura, por exemplo na maneira de comer, saudar, vestir ou brincar. Deste modo, vão

interiorizando os significados que a sociedade na qual nasceram atribui a todos os acontecimentos e objetos do mundo que os rodeia. José Freinademetz, como qualquer outra criança do Tirol, cresceu num ambiente cultural e religioso onde os laços familiares e de vizinhança eram estruturantes da personalidade e da vida social e onde as celebrações da religião católica moldavam os comportamentos dos seus habitantes.

As raízes humanas e espirituais de Freinademetz estão nesse lugar, que nunca mais esquecerá. Numa carta aos seus pais, irmãos e irmãs, escrita em Steyl, a 29 de agosto de 1878, escreve: «[...] A distância de Oies para onde estou agora é realmente grande, algo que eu não poderia imaginar. Desde Innsbruck não encontrei ninguém conhecido. Cheguei ao meu destino na terça-feira à noite. A viagem custou cerca de cinquenta florins e a minha bagagem, que também chegou, custou cerca de quinze florins. O sentimento geral que experimentei nesta viagem é como o de uma mãe que aconselha: ‘Sede gratos, filhos e filhas, porque sois de Badia, e se não fordes chamados pelo Senhor, nunca deixeis a bela Badia’». Hoje, os turistas que visitam o Tirol ficam impressionados pela sua beleza: o verde das florestas no verão, as montanhas elevando-se até ao céu, a neve que no inverno tudo reveste de brancura e silêncio. Mas o peregrino que visita a casa onde José nasceu não deixará de perguntar que razões poderosas o levaram a sair de uma terra tão bela e abençoada pela natureza.

José deixou a sua amada terra, porque queria ser missionário e anunciar o Evangelho de Cristo a quem ainda não o conhecia. Tal como Abraão (Gênesis 12, 1), sentiu que Deus o chamava para uma nova pátria. De Steyl, onde se preparava para partir em missão, escreve aos pais: «Rezai e agradecei a Deus cada dia, ao menos com um Pai Nosso e uma Ave Maria, pois teve a bondade de escolher um missionário na nossa família» (29 de outubro de 1878).

Em Oies, na família, na escola e na paróquia, José recebeu e alimentou a fé cristã e assimilou as devoções tradicionais católicas que marcarão toda a sua vida. As devoções à Santa Cruz e ao Sagrado Coração de Jesus ocupavam um lugar especial na prática religiosa da sua família. A devoção à Santa Cruz tinha profundas e antigas raízes na religiosidade do Tirol. A devoção ao Sagrado Coração de Jesus era muito popular no século XIX. Em 1875, ao celebrarem-se os duzentos anos da aparição do Sagrado Coração de Jesus a Santa Margarida Maria Alacoque, em Paray-le-Monial, na França, o Papa Pio IX promulgou o ato de consagração de toda a Igreja ao Sagrado Coração de Jesus. Não admira que este ligame entre o Coração de Jesus e a Paixão de Cristo ocupe um lugar central na espiritualidade de São José Freinademetz. Muitas das suas cartas abrem com a expressão: «Caríssimos no Sagrado Coração de Jesus» e terminam com uma referência ao Sagrado Coração, por exemplo:

«Recomendo-vos a todos ao S. Coração de Jesus», «No S. Coração de Jesus, teu amigo e compadre, Ujop». Numa carta aos pais e irmãos, pouco depois de chegar à China, escreve: «Não deixarei de vos recomendar a todos, e antes de tudo o pai e a mãe, ao Sagrado Coração de Jesus e Maria. Estou muito feliz por estar na China e, por mim, não vos preocupeis. Quando quiserdes ver-me, entrai no Sagrado Coração; lá nos encontraremos» (28 de abril de 1879).

A devoção ao Sagrado Coração deve motivar-nos a imitar Jesus que nos desafia: «Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração» (Mateus 11,29). Aqueles que conheceram Freinademetz, na Europa e na China, destacavam a sua bondade e o seu coração acolhedor. A devoção ao Sagrado Coração de Jesus, que o marcou desde a infância, certamente contribuiu para criar nele um coração manso e humilde como o coração do nosso Redentor.

Em 2024, o Papa Francisco publicou a encíclica *Dilexit nos* [Ele amou-nos] sobre o amor humano e divino do Coração de Jesus. O Papa afirma que a história da espiritualidade cristã está atravessada pela união entre a devoção ao Coração de Jesus e o compromisso com os irmãos e que esta devoção tem uma dimensão missionária: «A missão, entendida a partir da irradiação do amor do Coração de Cristo, requer missionários apaixonados, que se deixem cativar por Cristo e que inevitavelmente transmitam esse amor que mudou

as suas vidas» (#209). Em São José Freinademetz encontramos também a realização daquilo que afirma o Papa Francisco dos missionários apaixonados que dedicam a sua vida a «falar de Cristo, pelo testemunho ou pela palavra, de tal modo que os outros não tenham de fazer um grande esforço para o amar, é o maior desejo de um missionário da alma» (#210).

Na Congregação do Verbo Divino, a devoção ao Coração de Jesus tem longa tradição e está em perfeita sintonia com a oração, atribuída a Santo Arnaldo Janssen, e que será uma marca identitária da vocação missionária verbita: *«A luz do Verbo e o Espírito da graça dissipem as trevas do pecado e a noite da incredulidade. E o Coração de Jesus viva no coração de todas as pessoas»*.

Brixen

Após concluir a escola primária, José continuou a formação académica na cidade de Brixen, em italiano Bressanone. Um benfeitor, Francisco Thäler, tecelão da vizinha aldeia de Sottrù, foi ajuda providencial para a formação escolar de Freinademetz. Thäler acompanhou José, então com dez anos, até Brixen. A caminhada durou pelo menos onze horas através de vales e montanhas. Na cidade, Thäler encontrou alojamento gratuito para o rapaz e, para os diferentes dias da semana, também alimentação gratuita em

várias famílias e conventos. Os seus pais tinham apenas de prover as suas roupas. José permaneceria grato ao tecelão e sua família até ao fim.

Em Brixen, José, cuja língua materna era o ladino e tinha feito a escola elementar em italiano, teve de repetir dois anos do ensino primário numa escola de língua alemã antes de iniciar o ensino secundário. No final dos estudos secundários decidiu entrar no seminário maior da diocese e estudar teologia. Foi no seminário que cresceu o seu interesse e amor pelas missões. Em Brixen existia uma associação de amigos das missões, sob a inspiração do professor Mitterutzner. Diz o seu biógrafo, Fritz Bornemann, que quando José chegou a Brixen, Mitterutzner já mantinha uma extensa correspondência com missionários no Egipto e no Sudão e publicava regularmente artigos de cariz missionário na imprensa local com base na sua correspondência. Durante os cinco anos em que Freinademetz estudou na escola secundária de Brixen, Mitterutzner, em colaboração com os missionários, publicou duas obras sobre linguística que ligaram o seu nome aos primórdios dos estudos linguísticos africanos. Sinal do fervor missionário da diocese de Brixen, é de salientar que no espaço de dezasseis anos (1853-1869), 32 sacerdotes e leigos saíram do Tirol para a África como missionários.

José adaptou-se facilmente à vida no seminário e foi um aluno exemplar. Numa carta ao seu amigo

e benfeitor, em novembro de 1872, José escreve o seguinte: «Estou, pela graça de Deus, saudável e contente e gosto muito do Seminário, porque temos comida e podemos estudar, e isto é suficiente. Também gosto muito do meu quarto, embora esteja sempre frio e haja neve e gelo na janela. Temo que a água do lavatório e até a água benta fiquem congeladas, mas isso não me preocupa» (24 de novembro de 1872).

A viagem do lugarejo de Oies para a cidade de Brixen, a pé e através das montanhas, foi a primeira viagem de José Freinademetz para o mundo desconhecido. Teve de cruzar vales e montanhas e, o mais importante, entrar pela primeira vez numa cidade grande, se comparada com a sua insignificante terra natal. Na China cruzará vales, rios e montanhas, campos e cidades para estar próximo das pessoas a quem Deus o enviara. Freinademetz não se poupará a sacrifícios para realizar a sua missão porque, para ele, o mais importante era dedicar a vida ao anúncio do Evangelho pois «no fim de contas, a obrigação do missionário é apenas dar testemunho de Jesus Cristo diante dos pagãos, semear a boa semente e, em seguida, entregar-se completamente ao Senhor, quer a semente dê fruto ou não» (23 de julho de 1880). Apesar de querer salvar o maior número possível de almas, Freinademetz dizia, numa carta aos pais, que «salvar uma única alma seria suficiente para trabalhar e trabalhar arduamente a vida inteira» (22 de janeiro de 1885).

San Martino

José Freinademetz foi ordenado sacerdote no dia 25 de julho 1875, festa do apóstolo São Tiago, na capela do seminário de Brixen. A 5 de agosto, um dia de muita chuva em Val Badia, celebrou a sua missa nova na igreja paroquial de São Leonardo. Na missa nova, era costume convidar um pregador famoso para fazer o sermão da festa, por isso, a primeira homilia pública do neo-sacerdote na sua paróquia natal foi só um mês mais tarde. É interessante sublinhar que esse primeiro sermão público foi proferido no dia 8 de setembro 1875, festa da Natividade de Nossa Senhora, no mesmo dia em que Arnaldo Janssen fundou a casa missionária em Steyl! O tema da homilia inspirava-se num versículo do evangelho segundo São Lucas: «muitos se alegrarão com o seu nascimento» (Lucas 1,14) e alguns salmos, por exemplo, «Os justos alegram-se e rejubilam» (Salmo 68,4), «Feliz aquele a quem é perdoada a culpa e absolvido o pecado» (Salmo 32,1). O seu biógrafo, Fritz Bornemann, diz que o sermão não foi grande coisa, porque as ideias centrais não foram desenvolvidas com clareza e os exemplos e comparações que utilizou ilustravam não o tema principal, mas temas secundários. Não querendo, todavia, desvalorizar o esforço do neo-sacerdote, o biógrafo comenta: «No entanto, foi um começo».

Depois da ordenação sacerdotal, José foi nomeado coadjutor na paróquia de San Martino, situada a cerca

de doze quilómetros de São Leonardo e ali trabalhou cerca de dois anos (1876-1878). Além da celebração dos sacramentos, das visitas aos doentes e da catequese, o jovem sacerdote também teve de assumir o cargo de professor na escola local como era costume naquela região do império austríaco.

A vocação missionária, que já o atraía há vários anos, amadureceu durante a sua estadia em San Martino. Em janeiro de 1878, o jornal da diocese trazia um artigo sobre a casa missionária que tinha sido aberta em Steyl, na Holanda, perto da fronteira alemã e que acolhia candidatos da Alemanha, Holanda e Áustria que queriam trabalhar nas missões. O artigo falava sobre o fundador da obra, o P. Arnaldo Janssen, descrevia a abertura do seminário, em 8 de setembro de 1875, e referia a bênção do projeto pelo Santo Padre. O texto informava que o propósito da fundação era promover a atividade missionária católica nas terras não cristãs, em primeiro lugar entre os povos pagãos do Extremo Oriente. Os candidatos às missões podiam terminar os seus estudos no seminário missionário. Os presbíteros também seriam bem-vindos, quer desejassem tornar-se missionários quer estivessem simplesmente dispostos a dedicar-se como professores à formação dos futuros missionários. José Freinademetz viu aí uma resposta às suas inquietações e entrou em contacto com Arnaldo Janssen. Depois de alguma troca de correspondência entre os dois e de um encontro com Arnaldo, em Brixen, numa ocasião

em que este regressava de uma viagem a Roma, Freinademetz decidiu ir para Steyl e preparar-se para a missão na China. Mas, primeiro, era necessário obter a autorização do seu bispo.

O bispo de Brixen, D. Vicente Gasser, deu a sua autorização por escrito, dizendo que por mais difícil que seja o sacrifício por causa da falta de sacerdotes na sua diocese, não podia recusar-se a dar o seu consentimento, pois a voz de Deus parece chamar cada vez mais insistentemente. E, numa carta para Arnaldo Janssen, o bispo escreveu: «O bispo de Brixen diz *não*, mas o bispo católico diz *sim*; toma o meu filho Freinademetz e faz dele um missionário de primeira categoria».

José Freinademetz recordaria sempre com grande carinho e muita gratidão os seus paroquianos. Na resposta a uma carta enviada por uma certa Maria em nome de todos os seus antigos alunos da paróquia de San Martino, José confessa: «É para mim uma alegria saber que continuais bem, e não me esquecestes depois destes trinta longos anos, e que continuais a rezar por mim juntamente com os vossos filhos, que ainda não tive a alegria de conhecer, mas que o farei no céu. Agradeço a Deus pela grande alegria que me deram, e a ti por teres pegado na caneta para partilhar comigo algumas novidades. Sinto verdadeiramente no meu coração a alegria de recordar cada um dos meus queridos alunos que nunca esqueci. Saúda-os a

todos em meu nome e diz-lhes que rezo por cada um deles como tinha prometido na minha última homilia em San Martino, quando, com lágrimas, me despedi de cada um dos meus pequenos amigos que também estavam em lágrimas» (13 de dezembro de 1907). Em memória da sua estadia na paróquia de San Martino foi construída uma pequena, mas bela, capela dedicada a São José Freinademetz.

Steyl

Durante a missa na igreja paroquial de São Leonardo, a 18 de agosto de 1878, antes de partir para Steyl, José Freinademetz explicou porque decidira ser missionário e disse que partia tranquilo e confiante para o lugar que o Senhor lhe indicava: «O Deus misericordioso, cuja bondade não conhece limites, que escolhe os pequenos, os fracos e, não raro, até os grandes pecadores para serem seus servos, seus instrumentos, chamou-me a participar de uma graça da qual nunca serei digno por toda a eternidade. Ouço a voz do Divino Bom Pastor convidando-me a ir com Ele para o deserto. Devo ajudá-lo a procurar as ovelhas que se tresmalharam. Ele chama-me a ir com Ele em busca dos nossos infelizes irmãos de além-mar, que nada sabem sobre o nosso Pai celeste, nada sobre o nosso amado Redentor, nada sobre a nossa Santíssima Virgem Maria, nada sobre a casa

do nosso Pai celeste». Em Oies, despediu-se dos pais, irmãos, irmãs, conterrâneos e amigos e, tomando o comboio partiu para Steyl, onde chegou a 27 de agosto, com uma breve paragem em Colónia, na Alemanha. No seu diário, escreveu: «Entretanto, de Colónia já vi o suficiente; o meu coração está inquieto até que descanse nos lugares sagrados que se propõe encontrar. Portanto, vamos em frente! Kaldenkirchen, a última estação prussiana, ficou para trás; cheguei a Venlo, a primeira estação holandesa. Mais uma hora e chego ao seminário missionário. Aproximo-me rezando o *Te Deum*. Uma santa alegria inunda-me o coração, misturada, porém, com uma espécie de ansiedade. Quando deixarei esta casa outra vez? Para onde me levará o meu caminho? *Qui dedit velle, dabit et perficere*, aquele que inspirou o desejo concederá também a sua realização».

De Steyl, numa carta à família, José manifesta o seu amor pelo seu Tirol natal, mas também deixa entender que a casa missionária de Steyl é a sua nova pátria. Informa-os que a distância de Oies para o lugar onde está agora é realmente grande, maior do que tinha imaginado e diz que de Innsbruck em diante não encontrou uma única pessoa conhecida. Sobre a casa de Steyl afirma que é uma casa de Deus onde se respira o espírito de piedade e temor de Deus. E confessa: «Estou muito feliz por estar aqui e não sei como agradecer ao Senhor. Aqui posso aprender muito, em primeiro lugar a viver como um bom cristão, em

segundo lugar começo agora a aprender a língua dos chineses» (29 de agosto de 1878).

Os meses passados em Steyl são de intensa preparação para a partida para a China, sobretudo a nível espiritual. Com ele partirá também o jovem sacerdote João Baptista Anzer. No dia 28 de fevereiro de 1879, os dois missionários fizeram voto de obediência através do qual se comprometeram com o seminário de Steyl e com as missões por um período de cinco anos. No primeiro domingo de março de 1879, depois da eucaristia solene, o núncio apostólico na Holanda, monsenhor Capri, entregou a cruz missionária aos dois sacerdotes. No final, todos os membros da comunidade, a começar pelo reitor, P. Arnaldo Janssen, beijaram os pés dos dois missionários que estavam de pé junto do altar. Certamente, ao fazerem este gesto, os presentes recordaram as palavras do profeta Isaías: «Que formosos são sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz, que apregoa a boa-nova, e que proclama a salvação!» (Isaías 52,7). Depois, José viajou para o Tirol, para uma última despedida da família e da sua terra.

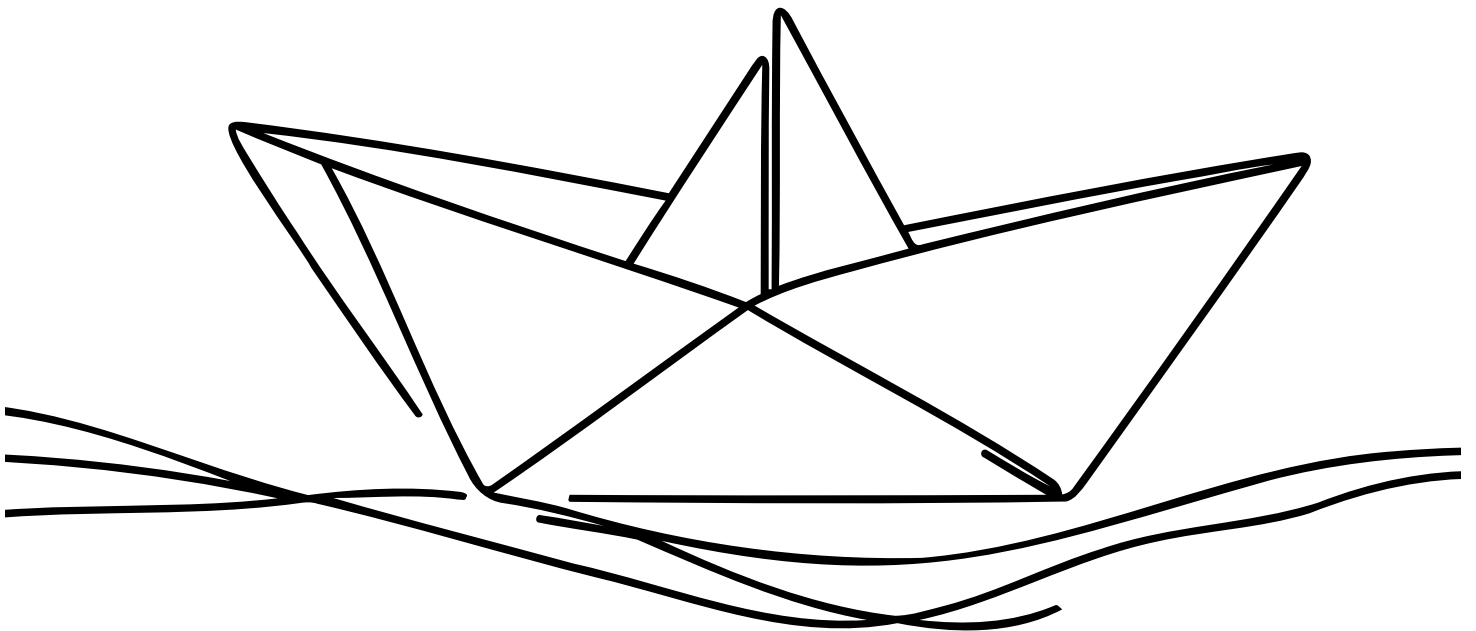
Lembra-te que nós te queremos bem

No dia 22 de julho de 2022, estreou-se, em Oies, terra natal de São José Freinademetz, o espetáculo musical “Ujöp da Oies” sobre a sua vida e missão. O palco e um anfiteatro com capacidade para acolher seiscentos espetadores foram montados junto da casa natal do Santo de Oies. Carlo Suani, o autor do texto, inspirou-se na biografia de José Freinademetz e nas cartas que, a partir da China, ele escrevia à família e aos amigos. O compositor, Antonio Rossi, conseguiu traduzir através da música as alegrias e as dores de Freinademetz. Todos os atores – crianças, jovens e adultos – eram naturais da região e desempenharam o seu papel de forma profissional. Através da música, das canções e das várias cenas, o público ficou a conhecer melhor a vida deste santo missionário, desde a infância na sua terra, aos estudos no seminário de Bressanone e à missão na China. As canções originais deram um sabor novo à sua mensagem. Numa das cenas mais comoventes, os pais e os irmãos de Freinademetz leem a primeira carta que ele escreveu a partir de Hong-Kong. A cena termina com uma canção intitulada *Saluti da casa* [Saudações de casa] onde lhe dizem que nunca se esqueça que eles lhe querem bem:

«L'amore ti ha chiamato in Cina,
lontano dalla tua patria ladina.
Tutti noi confidiamo nel Signore
E abbiamo fiducia nel tuo grande valore:

ti accompagniamo con la nostra preghiera
e ricordati che ti vogliamo bene,
Ujöp».

*«O amor chamou-te para a China / longe da tua terra
natal. / Todos confiamos no Senhor / e confiamos no teu
grande valor: / acompanhamos-te com a nossa oração /
e lembra-te que nós te queremos bem, Ujöp».*



2. O MAR

A caminho da China, José passou no Tirol e chegou a Roma, onde se reencontrou com Anzer. No porto de Ancona, iniciaram a viagem que os levaria até Hong-Kong, com paragens em Alexandria, Áden, Ceilão e Singapura, cruzando o Mediterrâneo, o Mar Vermelho, o Oceano Índico e o Mar da China. Em Alexandria, tomaram o comboio para Suez. Neste porto, embarcaram para Ceilão, onde mudaram outra vez de barco.



Em muitas culturas, o mar simboliza o poder do caos e do mal, um abismo cheio de mistério. O mar é, também, muito perigoso e nele tantas vidas se perderam devido às tempestades e naufrágios. Os primeiros versos do poema «Mar Português», de Fernando Pessoa, traduz bem os perigos que fazem parte da história trágico-marítima do nosso país: «Ó mar salgado, quanto do teu sal / São lágrimas de Portugal!»

Na tradição bíblica, o mar é apresentado como uma força poderosa perante o qual o homem nada

pode fazer; só Deus pode vencer o mar e tudo o que ele significa de mal, perigo e desordem: «Com o seu poder acalmou os mares» diz Job (26,12), «com uma simples ameaça seco o mar» afirma Deus através do profeta Isaías (50,2). Só Deus é capaz de fazer com que o mar se abra para que Moisés e os israelitas escapem ao exército do faraó, atravessando a pé enxuto para a terra prometida (cf. Êxodo 14,15-30).

A caminho de Roma, o barco onde Paulo viajava foi atingido por uma grande tempestade e, sem poder resistir ao vento, andou à deriva vários dias até naufragar nas costas da ilha de Malta (cf. Actos dos Apóstolos 27,14-44). O profeta Jonas, determinado a escapar à missão que Deus lhe confiara para realizar em Nínive, tomou um barco na direção oposta. Porém, o Senhor fez soprar um vento impetuoso, levantando uma grande tempestade a tal ponto que a embarcação ameaçava despedaçar-se. A fúria das ondas só se acalmou quando, a seu pedido, os marinheiros lançaram Jonas ao mar (cf. Jonas 1,1-16).

Aos amigos que o foram consolar, Job recorda-lhes que a sabedoria e o poder de Deus são ilimitados: «Ele [Deus] sozinho formou a extensão dos céus e caminha sobre as ondas do mar» (Job 9,8). Jesus é o único que caminha sobre o mar e acalma as tempestades. No evangelho de Marcos lemos que Jesus obrigou os discípulos a subirem para o barco e a irem à frente, para o outro lado, rumo a Betsaida, enquanto Ele próprio

despedia a multidão. «Depois de os ter despedido, foi orar para o monte. Era já noite, o barco estava no meio do mar e Ele sozinho em terra. Vendo-os cansados de remar, porque o vento lhes era contrário, foi ter com eles de madrugada, andando sobre o mar» (Marcos 6,46-48). Noutra ocasião, atravessando o Mar da Galileia, os discípulos de Jesus foram surpreendidos por uma grande tempestade; as ondas arremessavam-se contra a barca e esta quase se afundava. Jesus dormia sobre uma almofada. Acordaram-no e disseram-lhe: «Mestre, não te importas que pereçamos?» Ele, despertando, falou imperiosamente ao vento e disse ao mar: «Cala-te, acalma-te!» O vento serenou e fez-se grande bonança (Marcos 4,35-39).

Para avançar na vida, para realizar os nossos sonhos e projetos, tantas vezes temos de enfrentar e superar grandes obstáculos. É como se tivéssemos de atravessar um mar revolto e ameaçador. José Freinademetz tinha consciência de que a vida é uma peregrinação cheia de obstáculos. No sermão proferido na igreja de San Martino, na festa de Todos-os-Santos, no dia 1 de novembro de 1877, disse: «Queridos cristãos, quais serão os nossos sentimentos quando formos admitidos à comunhão dos santos no Céu! Haverá gente de todas as partes do globo: negros da África, brancos do Tirol, pessoas de todas as línguas e gerações... E todos nos reconheceremos como se sempre tivéssemos sido irmãos, provenientes de uma extenuante e perigosa peregrinação através

do mar deste mundo». O mar, que José cruzou da Itália à China, simboliza o mundo com todos os desafios e obstáculos que temos de enfrentar e superar para chegar à meta, para descobrir o sentido profundo da nossa vida, ou seja, a nossa vocação nesta terra.

Despedir-se e partir

O Tirol foi a primeira etapa na longa viagem para a China. Em Brixen, José despediu-se do seu bispo e dos colegas de seminário. Em San Martino, despediu-se do pároco, dos paroquianos e dos seus alunos, pediu-lhes que rezassem por ele e prometeu que não os esqueceria. Os seus antigos paroquianos já sabiam dos seus projetos porque, em agosto do ano anterior, antes de partir para Steyl, no último sermão que fizera na igreja de San Martino, Freinademetz tinha-lhes explicado porque decidira ser missionário e como estava pronto a obedecer ao chamamento de Deus: «O Divino Bom Pastor, na sua insondável bondade, convidou-me a ir com Ele ao deserto procurar as ovelhas que se tresmalharam. Que mais posso fazer senão beijar a sua mão, com gratidão e alegria e, com as palavras da Sagrada Escritura, dizer: Eis-me aqui; e depois, como Abraão, deixar a casa do meu pai, a minha pátria e todos vós, queridos [paroquianos], e ir para a terra que o Senhor me indicará...». De San Martino, José foi passar uns dias na sua querida Badia.

Em Oies, ao despedir-se dos familiares, pediu a bênção ao pai e depois abençoou-os a todos. Em Brixen, despediu-se dos amigos e conhecidos que vieram à estação ferroviária para um último adeus. E ao iniciar a viagem de comboio para Roma, Freinademetz deixava para sempre o seu querido Tirol.

A 12 de março de 1879, José Freinademetz chegou a Roma, onde passou dois intensos dias. Numa carta dirigida aos pais e irmãos, escrita já durante a viagem pelo Mediterrâneo e enviada a partir de Alexandria, no Egipto, relata a sua estadia na cidade eterna: «Ainda que tenha estado só dois dias em Roma vi as coisas principais e principalmente pude obter a bênção do Santo Padre para mim, para vós e para alguns amigos. Recebi também autorização para celebrar missa durante a viagem no mar, coisa que tanto desejava». Noutra carta, menciona que celebrou missa em São Pedro, venerou as relíquias de alguns santos e subiu a *Scala Santa*. A caminho do porto de Ancona, ele e Anzer pararam no santuário de Loreto. Dentro da basílica, os peregrinos podem visitar os restos da casa que, segundo a tradição, é a Casa de Nazaré, onde Jesus, Maria e José viveram. A propósito dessa visita, José escreve: «Na sexta-feira, dia 14, celebrámos a santa missa no Loreto, o primeiro santuário do mundo, naquela mesma casa onde habitaram Jesus, Maria e José. Vimos a mesa onde a Sagrada Família comia, a chaminé e a cozinha onde Nossa Senhora preparava a comida» (20 de março de 1879).

No dia 15 de março de 1879, o navio largou do porto de Ancona com destino a Alexandria, no Egito. A primeira paragem foi em Brindisi, no sul da Itália. Dali seguiram para Alexandria, onde atracaram no dia 20 de março. Já no alto mar, longe da costa italiana, José escreveu no seu diário: «Já não estamos em solo europeu. Pensamento extraordinário. Pátria, amigos e pais; todos deixados para trás! Eu já tinha construído a minha felicidade na minha terra natal. Nos primeiros passos do meu caminho sacerdotal só cresciam rosas; um círculo de amigos e companheiros me rodeava; mas agora tenho de me afastar de tudo, tenho de começar tudo de novo num mundo novo, ganhar novos amigos, aprender uma nova língua, em todos os sentidos começar de novo. O que é que tu fizeste? – Ou melhor, o que é que tu vais fazer? Vais salvar almas para o céu! E o meu coração ferido foi curado!»

A separação dos seus pais, entes queridos e paroquianos não foi fácil. Mas, Freinademetz estava consciente e seguro das razões desta viagem apenas iniciada. Havia um motivo maior que dava sentido à dor da partida e da separação. O que fascina neste santo é, por um lado, a sua humanidade e a sua fragilidade e, ao mesmo tempo, a total confiança que deposita, quer no amor dos pais, irmãos e amigos, quer em Deus que o chamou para ser missionário.

O amor, a amizade e a oração dos parentes e amigos dar-lhe-ão força para enfrentar o choque

cultural ao chegar à China e aliviar a dor da ausência e da distância. Em muitas das suas cartas agradece as cartas que recebe dos pais, irmãos e amigos e as notícias que lhe enviam sobre a família, os antigos paroquianos, a vida no Tirol. Por exemplo, escrevendo a um dos seus irmãos, diz: «Recebi a tua carta com muita alegria, pois foi a primeira da tua vida. Escreve-me às vezes, porque embora separados por mares de milhares e milhares de horas, continuamos irmãos, e sendo irmãos esperamos poder amar-nos» (23 de setembro de 1896).

A sua fé em Deus, alimentada pela oração, será a força que lhe permite superar perseguições e fracassos. Numa ocasião, a França entrou em guerra com a China e, depois de assinada a paz, os missionários e os cristãos sofreram algumas perseguições. José escreveu aos pais: «Os chineses consideram-nos todos franceses e agora têm muito pouco medo de nós. Mas a nossa confiança não está nos franceses, mas sim no Senhor e a sua ajuda não nos faltará, como tem feito até agora, sempre nos ajudou» (28 de julho de 1885).

Alto mar

Nas cartas que escreveu durante a viagem para a China, José ia dando conta de alguns episódios, relatando o que via nas cidades onde o barco fazia escala e, às vezes, falando sobre os companheiros

de viagem. Na maior parte do percurso, o mar esteve calmo, mas perto de Ceilão foram surpreendidos por uma tempestade e, durante alguns dias, José sentiu enjoo devido à forte ondulação do mar. Além de Anzer, no barco seguiam dois padres franciscanos e podiam celebrar missa no quarto. O mar impressionou-o vivamente. Escrevendo aos pais e irmãos, diz: «Gostaria de vos escrever sobre as maravilhas do mar, mas são tantas, que não podem ser descritas com a caneta. [...] Não se vê nada além de céu e água e às vezes algumas montanhas, e ilhas, e lá longe algum barco, regressando da sua viagem, certos pássaros, que quase sempre acompanham o barco e as outras aves, que estão em viagem para ir para as vossas terras. Na outra noite uma ave pousou na minha mão e ali esteve algum tempo quieta. Gostaria de lhe ter dado uma carta para que a levasse até vós, mas não sei se chegaria a Oies. Pobre passarinho, saúda-me ao menos o meu belo Tirol e os meus entes queridos que lá vivem» (20 de março de 1879).

É, também, durante a viagem para a China que José e os três outros sacerdotes têm os primeiros contactos com pessoas de outras religiões e culturas que viajavam no mesmo navio. A mentalidade reinante na Europa durante o século XIX considerava que os povos que estavam fora das suas fronteiras eram atrasados e viviam na ignorância. As diferenças que vê nos outros passageiros causam uma grande impressão em José Freinademetz e, fruto da sua

formação e cultura, notam-se alguns preconceitos nas suas cartas. Numa carta escrita durante a travessia do Mar Vermelho, menciona, com algum preconceito, os hábitos alimentares de alguns passageiros: «Há muitos indianos, gente meio selvagem; comem com as mãos, depois do almoço lavam a tigela com o arroz que sobra e depois atiram-no ao mar. Por outro lado, parecem-me pessoas de bom coração, e tenho pena deles, pensando que nada sabem sobre a nossa bela e santa religião. Principalmente entre eles há jovens, que mostram ter bom carácter, se tivessem a oportunidade de ser ensinados. Mas que podemos fazer; não conhecemos uma palavra da sua língua». E, numa carta escrita durante a paragem em Singapura, depois de referir que eles comem o arroz com as mãos, diz: «Por outro lado, parecem-me boas pessoas e, se tivessem oportunidade, seriam melhores do que muitos católicos. Às vezes, lágrimas vêm aos meus olhos, considerando-os em sua desgraça. Rezai pela sua conversão» (14 de abril de 1879). Este primeiro contacto com pessoas de outras culturas e religiões confirmou em José a razão da sua decisão em ser missionário: converter almas para Cristo. José achava estranho o modo como eles comiam e rezavam, mas até reconhece que, se fossem bem catequizados, poderiam tornar-se bons cristãos.

Cruzar fronteiras

As primeiras impressões de José Freinademetz sobre os passageiros que pertencem a religiões e culturas diferentes da sua manifestam alguma curiosidade e denotam alguns preconceitos. Ao mesmo tempo, as suas observações revelam também um desejo, forte e sincero, de ir ao encontro dessas pessoas para lhes anunciar a boa-nova de Cristo. Aquilo que ao princípio foi um choque cultural, ir-se-á progressivamente transformando numa atitude de abertura ao diferente, de respeito pelo outro, e até de admiração. O mar também representa esta fronteira, esta barreira, que José teve de cruzar para entrar no mundo chinês e conhecer a mentalidade e o coração das suas gentes.

No XIII Capítulo Geral da Congregação do Verbo Divino, realizado em 1988, a questão que naqueles anos preocupava os seus membros aparecia formulada nos seguintes termos: Como entendemos a nossa missão na Igreja e no mundo de hoje? Na época, a Congregação, geograficamente espalhada por mais de cinquenta países, procurava situar-se e adaptar-se a contextos étnicos, socioculturais e religiosos bastante variados. No rescaldo do Capítulo, a Congregação sublinhará a importância do diálogo, da inculturação, da justiça, paz e integridade da criação como estratégias missionárias prioritárias. Todavia, o documento capitular sobre a espiritualidade é aquele que terá maior impacto na autocompreensão da

nossa identidade missionária. O documento destaca os elementos-chave da espiritualidade verbita: o fundamento trinitário, a encarnação do Verbo e a ação do Espírito Santo. Mas a ideia central para uma reta compreensão da identidade e da missão dos missionários do Verbo Divino era a espiritualidade do «êxodo», a nível pessoal, cultural e também geográfico. Este êxodo ou passagem – cultural, geográfica – era entendido à luz da Páscoa do Senhor Jesus.

Uma espiritualidade do êxodo concretiza-se em três desafios onde os verbitas são chamados a imitar a Páscoa do Senhor: quando entramos noutra cultura, quando somos solidários com os pobres e quando cultivamos o diálogo. Estas seriam as fronteiras para onde o Espírito estava chamando os missionários verbitas. Vivemos o mistério pascal quando fazemos a passagem para outra cultura e abandonamos os nossos preconceitos e exagerado nacionalismo e nos alegramos ao descobrir a presença de Deus no outro, no desconhecido. É nosso dever promover a justiça de acordo com o Evangelho em solidariedade com os pobres. Isto exige uma profunda experiência de Deus como fonte de toda a compaixão e uma contínua conversão do coração. No que respeita ao êxodo em diálogo com os membros de outras religiões ou ideologias, o documento afirma que a dimensão pascal é vivida quando «passamos da suspeição recíproca à confiança mútua». Em todos estes êxodos, é necessário cultivar atitudes de abertura, respeito, hospitalidade e paciência.

Os missionários eram desafiados a fazer o êxodo «para outras culturas de modo a eliminar as fronteiras do racismo e dos preconceitos»; a fazer o êxodo «para os pobres a fim de que desapareçam as fronteiras de classe»; e a empreender este êxodo «em diálogo, de maneira que morra o sectarismo religioso». Nesse documento, o diálogo era definido não só como «falar», mas sobretudo como «escuta». Apresentava, também, alguns requisitos para o diálogo, nomeadamente uma atitude de acolhimento, no sentido de ter tempo para estar com o outro; a paciência, traduzida numa escuta que possibilita a eliminação de mal-entendidos; e, finalmente, uma atitude de abertura que exige a capacidade de relativizar as próprias certezas e ser capaz de aprender com os outros

O exemplo de Cristo, que o hino cristológico da Carta aos Filipenses descreve, é apresentado como o caminho a seguir para viver uma espiritualidade do êxodo: «Tende entre vós os mesmos sentimentos, que estão em Cristo Jesus: Ele, que é de condição divina, não considerou como uma usurpação ser igual a Deus; no entanto, esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo. Tornando-se semelhante aos homens e sendo, ao manifestar-se, identificado como homem, rebaixou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz» (Filipenses 2,5-8).

Estas ideias do XIII Capítulo Geral foram desenvolvidas posteriormente num documento intitulado *Viver o mistério pascal na espiritualidade missionária SVD*. Um dos capítulos é dedicado a José Freinademetz, apresentando-o como um modelo a seguir para viver uma espiritualidade de êxodo, sobretudo no cruzar as fronteiras em solidariedade com os pobres. Destacavam-se a sua ida para a China com todas as consequências que isso lhe trouxe ao nível da aprendizagem da língua e dos costumes chineses e as várias perseguições de que foi alvo. Freinademetz cruzou fronteiras para ir ao encontro do outro, para cultivar o diálogo e promover o bem-estar material e espiritual do povo chinês. O seu exemplo mostra-nos que não basta fazer coisas para os outros; o mais importante é cruzar fronteiras para estar com os outros. O bispo brasileiro, Dom Hélder Câmara, expressa esta ideia da seguinte forma, num belo poema-oração:

Missão é partir,
caminhar, deixar tudo,
sair de si,
quebrar a crosta do egoísmo
que nos fecha no nosso eu.

É deixar de dar voltas
ao redor de nós mesmos
como se fôssemos o centro
do mundo e da vida.

É não se deixar bloquear
nos problemas do pequeno mundo
a que pertencemos:
a humanidade é maior.

Missão é sempre partir,
mas não devorar quilómetros.
É sobretudo abrir-se aos outros
como irmãos,
descobri-los e encontrá-los.

E, se para os encontrar e amar,
é preciso atravessar os mares
e voar lá nos céus,
então missão é partir
até aos confins do mundo.

Hong-Kong

José Freinademetz e João Baptista Anzer atravessaram os mares «até aos confins do mundo» chegando a Hong-Kong no dia 20 de abril de 1879. Hong Kong era, desde 1842, uma colónia inglesa e uma movimentada cidade portuária e comercial. Os dois missionários dedicaram os primeiros meses à aprendizagem da língua chinesa e ao conhecimento da realidade pastoral, sob a orientação do padre Luigi Piazzoli, um veterano missionário italiano do PIME (Instituto das Missões Estrangeiras de Milão). Em agosto do mesmo ano, o bispo D. Giovanni Raimondi

enviou José para Sai Kung, uma vila de pescadores, para continuar a aperfeiçoar o chinês e cuidar dos poucos católicos da região.

Durante o tempo que residiu em Sai Kung, Freinademetz estudava chinês, de manhã à noite, com um habitante local. Para quebrar a monotonia do estudo, fazia viagens frequentes para Yim Tin Tsai, uma das quatro pequenas ilhas da baía de Sai Kung. Yim Tin significa «lagoa de sal», em referência às salinas de onde se extraía o sal. A ilha tinha cerca de setenta habitantes, todos católicos. José ficava ali vários dias, celebrava a Eucaristia e, às vezes, administrava o sacramento do batismo ou fazia algum funeral.

Atualmente, na ilha não vive ninguém. Mas os descendentes dos antigos habitantes regressam à ilha todos os anos, no dia 1 de maio, para celebrar a festa de São José na pequena igreja, uma construção dos finais do século XIX que se ergue no topo da colina. Da aldeia só restam ruínas. Há também um pequeno museu onde os visitantes podem conhecer objetos relacionados com as atividades outrora desenvolvidas na ilha, nomeadamente a agricultura e a extração de sal.

O barco que transporta os turistas demora cerca de vinte minutos a fazer a travessia. Às vezes, também há peregrinos a fazer a viagem, como no dia em que visitei Yim Tin Tsai; um grupo coral de uma paróquia de Hong-Kong, acompanhado pelo seu pároco, dirigia-se para a ilha para um dia de reflexão e recolhimento.

Da casa onde Freinademetz costumava pernoitar e da capela em que celebrava missa só restam as ruínas de algumas paredes que vão resistindo às intempéries e à incúria dos homens. No local onde terá existido um quarto está agora a imagem do santo e a seu lado, gravadas na pedra, em chinês e inglês, as palavras que lhe são atribuídas: *o amor é a única linguagem que todos entendem*.

Yim Tin Tsai começa lentamente a renascer das ruínas e do esquecimento. Talvez, através da preservação da memória de São José Freinademetz, esta pequena ilha se transforme num polo espiritual para quem busca silêncio, sobretudo numa cidade tão movimentada e agitada como é Hong-Kong. Percorrer as ruínas desta aldeia, recordando os passos e a vida de São José Freinademetz, ajuda-nos a compreender que, através da presença amiga e do respeito pelos outros, é mais fácil ir ao encontro das pessoas que falam línguas que não conhecemos e têm costumes muito diferentes dos nossos.

Numa carta escrita no dia 30 de outubro de 1879 informa: «Tive febre, uma doença que quase toda a gente aqui apanha e tive de voltar para Hong Kong para me recuperar. Agora já estou recuperado e espero regressar dentro de alguns dias. Louvado seja o Sagrado Coração de Jesus e a Santíssima Virgem. O que comemos na missão? Não vos assusteis, se eu vos dizer que não temos leite ou manteiga, nem queijo, raramente um

pouco de carne, alguma galinha. Esta é a nossa comida: de manhã café preto sem leite e às vezes um pouco de pão, às nove e meia arroz com peixe e às quatro e meia a mesma coisa e basta. É assim que os chineses fazem, o missionário também; eu gosto desta maneira, só que é um alimento que dá pouca força. O chinês não come nada além de arroz, inclusive no leito de morte; não bebe água e se bebe, é quente».

A partir de maio de 1880, José deixou de usar a batina europeia, de cor preta, e começou a vestir-se como os chineses. Durante os meses seguintes, foi um missionário itinerante, visitando os poucos católicos que habitavam nas aldeias da região. Em maio de 1881, após dois anos de aprendizagem da língua e de inserção cultural e pastoral em Hong-Kong, José partiu para Shantung, a região da China que a Santa Sé destinara aos missionários de Steyl e onde já se encontrava o padre Anzer.

A revista missionária de Steyl, *Stadt Gottes*, deu a conhecer aos seus leitores as impressões de Freinademetz sobre aqueles dois primeiros anos na China. Freinademetz diz que, ao princípio, tinha uma visão muito romântica da vida missionária, mas que o contacto com a realidade depressa fez desvanecer a visão poética, dando lugar a uma visão prosaica, diríamos mais realista. Escreve assim: «Como se despertasse de um sonho profundo, de repente vi-me em um mundo inteiramente novo,

e que mundo! Tudo mudou, incluindo eu próprio». As roupas eram completamente estranhas. Mas não bastava vestir-se como os chineses; por isso escreve: «O principal ainda está por fazer: a transformação do homem interior, o estudo da visão chinesa do mundo, dos costumes e práticas, do caráter chinês e psicologia chinesa. Não é trabalho de um dia, nem sequer de um ano; nem se realiza sem muitas operações dolorosas». Freinademetz reconhece que «há uma barreira, um muro de separação entre nós e os chineses que não deve ser subestimado: a nossa ignorância ou o nosso conhecimento imperfeito e defeituoso da língua do país. (...) O missionário permanece sempre um estrangeiro. O chinês é muito autoconfiante e orgulhoso do seu modo de vida. Ele acredita que pertence à maior nação do mundo. Ele não se curva ao estrangeiro; despreza-o. Os europeus são simplesmente o povo de nariz comprido, os diabos estrangeiros. Nas ruas, os adultos riem-se de nós; as crianças gritam atrás de nós. Até os cães parecem ter um prazer especial em correr atrás e latir ao estrangeiro. Tudo isto é duplamente verdade no caso do missionário».

Aos pais e amigos, José vai dando conta de pequenos passos na sua transformação exterior: veste-se como os chineses, anda de cabeça rapada, mas com uma longa trança e até já consegue comer à maneira dos chineses. Descrevendo um funeral a que presidiu, diz que, depois de terminados os rituais no cemitério,

também ficou para o almoço: «Eu mesmo fui e tentei pela primeira vez comer com dois pauzinhos em vez de comer com colher e garfo» (3 de março de 1880). A transformação interior levará mais tempo, mas fará de Freinademetz um chinês de alma e coração.

O mar já não existia

«Vi, então, um novo céu e uma nova terra; pois o primeiro céu e a primeira terra tinham desaparecido e o mar já não existia», escreve o autor do livro do Apocalipse (21,1). O mar é apenas uma passagem, uma fronteira, um estádio intermédio, que é forçoso atravessar para se alcançar a meta desejada. José Freinademetz tinha consciência de que era necessário cruzar essa fronteira. Despedindo-se da comunidade de Steyl, disse: «há sete meses, foi doloroso quando deixei as montanhas da minha terra, mas aqui encontrei uma segunda pátria que também amo. Agora o Senhor chama-me para encontrar uma terceira pátria do outro lado do mar. Eu quero seguir o seu chamamento dizendo adeus a tudo aquilo que me liga à Europa a fim de consagrar toda a minha força ao serviço de Deus. Espero encontrar muitos de vós na missão. Adeus, até à China!»

Freinademetz foi um dos primeiros missionários a dar corpo ao projeto missionário de Arnaldo Janssen, deixando tudo para se dedicar àquilo que então se

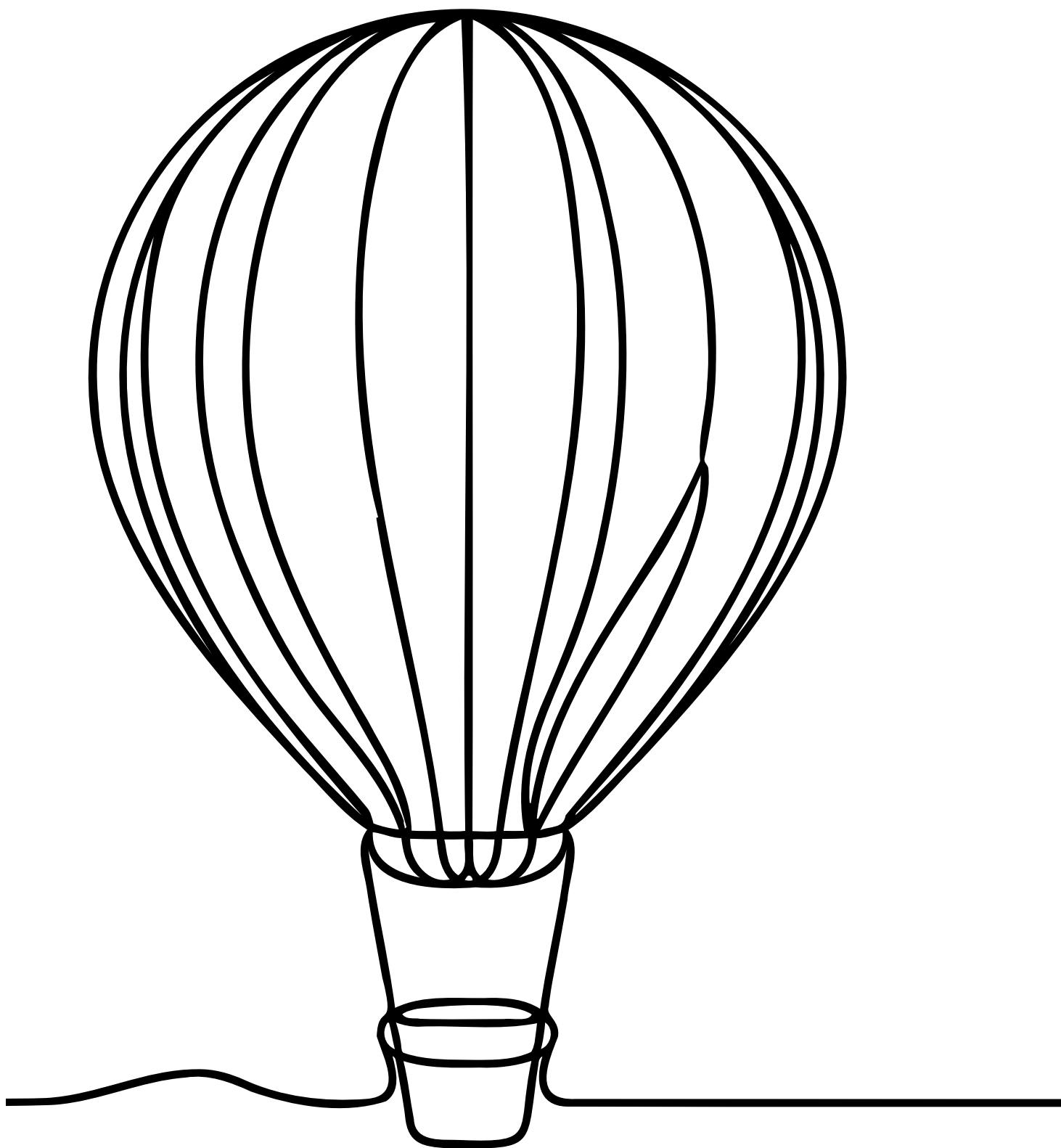
chamava «as missões estrangeiras». A 18 de fevereiro de 1879, poucos dias antes de embarcar para a China, numa carta ao seu amigo e benfeitor Francisco Thäler, escreveu: «O meu único desejo é poder converter muitos desses nossos pobres irmãos e só por isso deixo meu bom pai, minha boa mãe, meus irmãos e irmãs, meus parentes e amigos, entre os quais tu tens um dos primeiros lugares, e o meu querido San Martino. Ó meu caro amigo, reza com toda a tua boa família, para que eu possa trabalhar muito pela sua [de Deus] glória». A 29 de outubro de 1880, numa carta aos pais, irmãos e irmãs afirma: «Agradeçamos muitas vezes a Deus, que chamou um da vossa família para ser missionário na China, e esta é uma honra que eu não trocaria com a coroa de ouro do imperador da Áustria».

José Freinademetz não deixou a sua pátria pelo prazer da aventura. A fé foi o fundamento e a razão do seu caminho enquanto cristão e missionário, sabendo que em Deus encontrava refúgio seguro, como afirma o salmista: «Guarda-me como à pupila dos teus olhos; esconde-me à sombra das tuas asas» (Salmo 17,8), «Tem compaixão de mim, ó Deus, tem compaixão, porque em ti me refugio e me abrigo à sombra das tuas asas, até que passe o perigo» (Salmo 57,2). Para alcançar esse grau de confiança em Deus, teve de atravessar o mar, não só geograficamente, mas tudo aquilo que o mar simboliza de perigo, mistério, desordem e caos.

Mas o mar não é apenas perigoso e aterrador; é também sereno e belo, como Fernando Pessoa conseguiu traduzir em apenas dois versos:

*Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.*

O mar tem esta dupla simbologia, de perigo aterrador e de serena beleza. Talvez sem o saber, mas já o desejando, a China onde acabara de desembarcar, após uma longa viagem através do mar, seria para José Freinademetz a antecâmara do céu. Numa carta à sua irmã Teresa, escreveu: «Não desejo outra coisa neste mundo a não ser trabalhar para a glória de Deus e a salvação destes pobres pagãos e depois unir-me a todos vós no paraíso para louvar a Deus eternamente» (22 de dezembro de 1879).



3. O Céu

O vocábulo céu designa, em primeiro lugar, o espaço acima da terra, no qual quando levantamos os olhos para o alto podemos contemplar as estrelas, observar o movimento das nuvens e a profundidade azul do firmamento. Em muitas culturas, o céu é também a morada dos deuses.

Na Bíblia, o céu não é apenas o firmamento acima do globo terrestre, mas representa também a morada de Deus: O céu é o trono de Deus e a terra escabelo dos seus pés (Isaías 66,1). O salmista usa diversas formas para expressar esta realidade, por exemplo: «O céu é pertença do Senhor; mas a terra, Ele a deu aos seres humanos» (Salmo 115,16), «Levanto os olhos para o Senhor que habita nos céus» (Salmo 123,1).

Através de parábolas, Jesus fala muitas vezes do céu e do reino dos céus. Falando aos discípulos e ao povo, Jesus adverte-os a não acumular tesouros na terra, onde os ladrões arrombam e roubam, mas no

céu, onde a traça e a ferrugem não corroem e onde os ladrões não arrombam nem furtam, pois, «onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração» (Mateus 6,19-21). Ao aproximarem-se os dias da sua paixão, Jesus assegura aos discípulos que na casa do Pai há muitas moradas e vai preparar-lhes um lugar (João 14,2-4). Na cruz, promete o paraíso ao bom ladrão (Lucas 23, 40-43).

O céu é, também, a meta da peregrinação do homem sobre a terra. O autor da Carta aos Hebreus afirma que «não temos aqui morada permanente, mas procuramos a futura» (13,14). São Paulo diz-nos que «a cidade a que pertencemos está nos céus» (Filipenses 3,20) e «quando a nossa morada terrestre, a nossa tenda, for destruída, temos uma habitação no céu, obra de Deus, uma casa eterna, não construída por mãos humanas» (2 Coríntios 5,1).

Segundo a teologia da missão em vigor no século XIX, a atividade missionária da Igreja tinha como primeiro objetivo expandir a fé católica ou, na linguagem daquele tempo, converter e salvar os pagãos. José Freinademetz é filho desse tempo e dessa mentalidade. Numa carta ao seu amigo e benfeitor Francisco Thäler, poucos dias antes de partir para a China, afirmava que o seu único desejo era poder converter muitos pagãos e por isso deixava os pais, parentes e amigos. Numa carta para a sua irmã Teresa e cunhado João escrevia: «Posso assegurar-vos que

me sinto bem na China, estou contente e não me arrependo de ter vindo, vendo a necessidade desta pobre gente, não somente dos pagãos, mas também dos cristãos que por falta de missionários vêm o sacerdote apenas uma vez por ano» (30 de junho de 1882). Escrevendo aos pais, em 28 de julho de 1885, informava-os do crescimento da missão, do grande número de batizados e diz que estes são também uma vantagem para os seus pais. Depois pergunta: «Libertar tantos irmãos pobres do inferno não é a coisa mais linda do mundo? Bem sei que não tenho mérito nenhum, mas o Senhor digna-se usar este desgraçado como seu instrumento para salvar os outros». Para José Freinademetz era muito claro que a sua missão na China tinha como objetivo salvar almas para o céu.

Arnaldo Janssen fundara a casa de Steyl para formar missionários interessados em proclamar a palavra de Deus, especialmente entre os pagãos. Na edição de setembro de 1875 do jornal *Pequeno Mensageiro do Sagrado Coração de Jesus*, Arnaldo escreveu: «Esta casa missionária destina-se aos estudantes, sacerdotes e candidatos ao sacerdócio que desejam dedicar-se às missões pagãs no sentido estrito da palavra». Com a mesma finalidade, mas com outra linguagem, as Constituições da SVD, atualmente em vigor, afirmam: «Como membros da Congregação do Verbo Divino, consideramos nosso dever proclamar a Palavra de Deus a todos, criar novas comunidades entre o povo de Deus, incrementar seu crescimento e promover

a comunhão entre elas e também com toda a Igreja. Trabalhamos em primeiro lugar e preferencialmente onde o Evangelho ainda não foi anunciado, ou o foi de forma insuficiente e onde a igreja local, sozinha, não tem meios de desempenhar sua função» (c. 102). O prólogo das Constituições afirma: «Em resposta ao chamamento do Espírito Santo e às necessidades dos povos, Santo Arnaldo Janssen fundou a nossa Congregação como uma comunidade missionária. Em virtude do nosso nome, sentimo-nos comprometidos de modo especial com o Verbo Divino e Sua missão. A Sua vida é a nossa vida, a Sua missão é a nossa missão. Guiados pelo Espírito Santo, nós O seguimos, glorificando o Pai e trazendo vida plena a todas as pessoas. Onde quer que a Igreja nos envie, somos chamados a proclamar o Evangelho a fim de que todos os povos possam andar no caminho da salvação, libertos da escuridão do pecado pela luz do Verbo e pelo Espírito da Graça. A atividade missionária é, por isso, a finalidade e razão de ser da nossa Congregação. Todas as nossas atividades, por mais variadas que sejam, estão direcionadas, em última análise, para ajudar a Igreja a realizar a sua tarefa missionária».

A China, onde José Freinademetz chegou em 1879, foi o campo de missão, ao qual dedicou toda a sua vida e energia. Mas a China não foi apenas o espaço geográfico e cultural onde se empenhou na conversão de almas para o céu; tornou-se, também, a antecâmara do paraíso onde deseja permanecer chinês entre os chineses.

Shantung

Em 1881, a Santa Sé entregou aos missionários de Steyl o território de Shantung do Sul, até então sob a responsabilidade dos missionários franciscanos. Naquela época, era prática corrente determinados institutos missionários obterem “territórios de missão” nos quais eram plenamente responsáveis e onde deveriam criar estruturas eclesiais e exercer o seu apostolado. Essa prática da Igreja era conhecida como *jus commisionis*. O território chinês cedido aos missionários de Steyl abrangia três prefeituras: Yenchowfu, Tsaowchowfu e Ichowfu, com uma população de cerca de nove milhões de habitantes e apenas cerca de duzentos cristãos.

Em maio de 1881, José deixou Hong-Kong e rumou para Shantung. Antes de partir, fez algumas compras necessárias para a nova missão e, em seguida, reservou passagem no barco Ningpo, que partiu para Shangai a 23 de maio. Os Missionários de Milão, a quem chamava «meus irmãos», acompanharam-no até ao cais. Entre eles estava, muito provavelmente, o padre Piazzoli, que tinha sido o seu mestre. Após alguns dias de viagem chegou a Shangai, onde embarcou para Cheffo e, daí, para Tsinanfu, uma viagem longa e extenuante num junco chinês através do Rio Amarelo. Chegou a 15 de julho. «Nesse dia alcancei a meta tão desejada», recordará mais tarde. Em Tsinanfu, dedicou-se à aprendizagem de uma outra versão da língua chinesa,

porque o chinês *Hakka* que aprendera em Hong-Kong não era utilizado naquelas paragens. Em janeiro de 1882, o padre Anzer, que era o superior da missão, decide mudar-se para a aldeia de Puoli, porque, dos seus oitocentos habitantes, cem eram católicos. Puoli será o primeiro centro da missão verbita em território chinês e, com o passar dos anos, tornar-se-á um lugar muito importante para a Congregação na China.

Freinademetz chegou a Puoli, onde já se encontrava o seu companheiro e superior da missão, poucos dias antes do Domingo de Ramos de 1882. Pouco depois de chegar a Puoli, confessava ao seu amigo Thäler: «Eis, portanto, caro amigo, o bom Senhor conduziu-me finalmente ao lugar onde eu tanto desejava estar, isto é, estar sozinho no meio dos pagãos. A minha vida daqui para a frente será andar de um lado para o outro e tentar ganhar o maior número possível de almas» (2 de julho de 1882).

As condições em Puoli eram muito precárias, mas os dois missionários começam a trabalhar com entusiasmo. Numa carta à sua irmã Teresa e cunhado João, dá conta dos projetos que têm em mente: «Em breve começaremos uma igreja, porque estes pobres cristãos não têm nenhuma, usamos uma casa meio arruinada como capela, mas é tão pequena que lá dentro só cabem as mulheres. Os homens ficam em frente da porta e ali ouvem a santa missa. Em breve começaremos uma casa para crianças abandonadas» (30 de junho de 1882).

Nas duas décadas seguintes, ele realizou toda e qualquer missão que o seu superior, posteriormente vigário apostólico e bispo, lhe atribuiu. Mais tarde, assumiu também funções administrativas como superior provincial e, na ausência do bispo, administrador diocesano e pró-vigário. José Freinademetz permaneceu em Shantung vinte e sete anos, até à morte em 1908. O seu biógrafo, Fritz Bornemann, dedica centenas de páginas a descrever minuciosamente esses anos de labor missionário na China, durante os quais José percorreu, quase sempre a pé, às vezes numa carroça, todo o território confiado à Congregação. Bornemann enumera os frutos alcançados, os desafios que teve de enfrentar, as perseguições, as longas e recorrentes viagens através do território da missão para ir ao encontro dos poucos católicos dispersos nessa imensa região, a celebração dos sacramentos, a fundação de escolas e orfanatos, a edificação de capelas, a formação dos catecúmenos, a introdução dos novos missionários na realidade cultural e religiosa chinesa.

Não é nossa intenção demorarmo-nos detalhadamente sobre esses anos de intenso labor apostólico. Apresentamos apenas algumas características da sua vida e missão na China que consideramos mais significativas e podem servir de inspiração para os cristãos de qualquer época.

Os frutos da missão

Nas cartas que escrevia para a família e para os amigos e nos relatórios que enviava para Steyl, José Freinademetz ia dando conta do progresso da missão. Esta crescia e desenvolvia-se fruto do seu trabalho e do trabalho de todos os missionários, entretanto chegados à missão do Verbo Divino na China, incluindo sacerdotes, irmãos e religiosas, sem esquecer o precioso auxílio dos benfeitores que, da Europa, os apoiavam com as suas orações e ajuda material. No Shantung e, mais tarde noutras províncias da China, os missionários de Steyl fundaram escolas onde ensinavam crianças e jovens; criaram estruturas para acolher e educar os órfãos; percorriam aldeias e cidades visitando os cristãos, celebrando os sacramentos e ensinando a catequese aos chineses que pediam o batismo. Neste labor, são auxiliados pelos catequistas locais, eles próprios já formados pelos missionários.

Numa missiva para os pais, escrita em março de 1883, escrevia: «Acabei de regressar de uma estação missionária distante cerca de setenta horas, onde começámos a anunciar o Evangelho. Fui até lá numa carroça puxada por uma vaca e um homem, podeis imaginar que tal viagem durou muitos dias». Dois anos mais tarde, numa carta aos pais, dizia: «Temos aqui uma bela missão, em muitas aldeias estamos construindo capelas, grandes somas [de dinheiro] passam pelas nossas mãos, mas não bastam; aí na

Europa há boas almas que dão esmolas mais do que as suas forças permitem. Até agora o Senhor sempre nos mandou o necessário». E, em maio de 1889, informava-os dos frutos já alcançados: «Este ano batizámos cerca de quinhentos novos cristãos adultos e cerca de nove mil bebês moribundos. Além disso, temos cerca de quinhentos catecúmenos, como se chamam aqueles que se preparam para o batismo, pois antes de receberem o batismo esperamos dois ou três anos para nos assegurarmos se cumprem as regras ou não». Em maio de 1897, numa carta ao seu irmão Luís e cunhada Mariana, dizia: «Apesar de ter havido uma grande perseguição contra os nossos pobres cristãos, tivemos uma grande colheita como nunca antes, num único ano batizámos mais de duas mil pessoas, sem contar os bebês que foram batizados em perigo de morte». Em janeiro de 1907, vinte cinco anos depois da inauguração da missão do Shantung, escrevia, numa carta a Elisabetta, filha do seu amigo Thäler: «Há vinte e cinco anos começámos apenas com 158 cristãos, hoje contam-se cerca de quarenta mil batizados e outros tantos preparam-se para o batismo. O Senhor é na verdade muito bom; isto é uma grande consolação para nós missionários e para os nossos benfeitores na Europa».

José partira do Tirol para a China para converter os pagãos e salvar muitas almas para o céu. Muitos anos de trabalho árduo e pioneiro em regiões onde o Evangelho era anunciado pela primeira vez foram

moldando o seu carácter e apurando o seu método missionário. Procurou tornar-se igual aos chineses, não só exteriormente, mas sobretudo interiormente, acolhendo e assumindo a sua cultura e maneiras de ser. Ele, que queria converter o maior número possível de pagãos, acabou por descobrir que nós não convertemos ninguém; só o amor converte. «As pessoas só se convertem pela graça de Deus e pelo amor que lhes dedicamos», dizia José Freinademetz, resumindo deste modo a sua maneira de evangelizar. Em junho de 1904, numa carta para Arnaldo Janssen, afirmava: «Tenho cada vez mais a convicção de que a virtude e o carácter dócil são as qualidades essenciais para a eficácia da missão». Este é, também hoje, o melhor método para anunciar o Evangelho e animar os outros a aproximarem-se de Deus e deixarem-se envolver pela sua graça.

A importância da oração

José Freinademetz era um homem piedoso que tinha a oração em alta estima. Desde tenra idade, no seio da família e na paróquia, foi interiorizando e fazendo suas as orações e expressões tradicionais da piedade católica. Em família, rezavam antes e depois das refeições e ao meio-dia o *Anjo do Senhor*. Josefina, uma das suas irmãs mais novas, contava que «Rezávamos o rosário de joelhos, na sala, diante da

Virgem. A oração da noite rezava-a cada um na sua cama». Através da oração, José foi descobrindo e consolidando a sua vocação missionária e a oração será a força que o vai acompanhar e sustentar ao longo da vida. Também sabia que sem a oração todos os esforços e projetos do missionário são em vão. Por isso, nas suas cartas pedia frequentemente orações pela missão na China e pelos chineses. Do mesmo modo, sempre rezava pelos familiares e benfeitores que, de longe, o acompanhavam com a oração e a ajuda material.

Quando José Freinademetz se despediu dos seus paroquianos de San Martino, exortou-os a rezar: «A oração é a chave do paraíso. A oração é o bastão no nosso peregrinar; a fonte de água-viva; a comida que fortalece a nossa alma». E, nas cartas enviadas a partir da China, nunca se cansava de pedir orações. Numa carta ao seu amigo Thäler, fazia o seguinte pedido: «Orai sempre, tu e o teu Francisco [filho de Thäler e afilhado de Freinademetz], para que o Senhor me converta um pouco, a fim de que eu possa converter os outros» (9 de fevereiro de 1892). Numa carta para a sua irmã Maria, garantiu-lhe: «Não deixo passar um único dia sem rezar por todos vós; fazei o mesmo por mim. Recomendo-vos a todos ao Sagrado Coração de Jesus».

A oração era para José um compromisso mútuo: rezava pelos familiares, amigos e benfeitores e, ao mesmo tempo, pedia-lhes que rezassem pelos

missionários e pelo povo da China. Numa carta aos pais, informava-os sobre a sua saúde e pedia orações: «Ficai a saber que eu estou muito bem, alegre e contente, isso é o suficiente para vós. Rezai muito e fazei com que os outros rezem para que nós, missionários, cumpramos as grandes obrigações do nosso belo estado e que o Senhor nos acompanhe em toda a parte com a sua ajuda e a sua santa graça» (8 de maio de 1889). Noutra ocasião, escrevendo ao seu irmão Luís e cunhada Mariana, que se tinham casado recentemente, afirma: «Nunca me esquecerei de vos ajudar com as minhas orações, porque estais muito próximos do meu coração, para que todos os meus irmãos e irmãs permaneçam filhos fiéis da nossa Santa Madre Igreja, para implorar a bênção sobre o vosso santo matrimónio e a vossa família. Lembrai-vos de dar sempre e em todas as coisas o primeiro lugar ao vosso Deus e andareis bem na vida e depois da morte» (20 de maio de 1897).

As formas de oração e as devoções dos cristãos têm variado ao longo da história. Por exemplo, no século XIX, teve grande difusão a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Houve, e há, grupos e movimentos eclesiais que dão grande destaque ao silêncio na oração; outros acentuam a oração e a partilha orante da Bíblia, e outros que preferem um estilo mais carismático, dando primazia a uma espiritualidade fortemente sustentada no louvor ao Espírito Santo. Porém, apesar das suas diversas expressões e tonalidades, na oração

colocamos a vida sob o olhar de Deus, para escutar a sua Palavra e confiar na sua graça.

No dia 11 de outubro de 1989, o Papa João Paulo II visitou o nosso seminário de Ledalero, na ilha de Flores, na Indonésia. No encontro com os seminaristas, disse que o povo quer ver nos sacerdotes uma imagem viva do Bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas. Para que isto aconteça, aconselhou: «Tendes de entrar numa profunda união pessoal com Cristo através da oração. Este é o conselho espiritual mais importante que o Papa deseja deixar-vos hoje: Deveis rezar, pois a oração é o caminho indispensável para a união com Cristo; é a fonte escondida da força do padre». A escuta da Palavra de Deus é uma parte importante da vida espiritual, por isso recordou que «para serem ministros eficazes do povo de Deus, também devem conhecer e viver o Evangelho que pregam». Também o Papa Francisco não se cansava de recordar que a evangelização é alimentada e sustentada pela oração: «Sem momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, de diálogo sincero com o Senhor, as tarefas facilmente se esvaziam de significado, quebrantamo-nos com o cansaço e as dificuldades, e o ardor apaga-se» (*Evangelii gaudium* 262).

Santa Teresinha do Menino Jesus dizia que a oração «não é em primeiro lugar uma atividade, mas uma maneira de ser com Deus». Ora, isto podemos fazer continuamente. José Freinademetz foi, neste

aspeto, um modelo de união com Deus através da oração. Pessoas que o conheceram no Tirol e na China dão testemunho da sua piedade profunda e sincera devoção. O cardeal Tomás Tien, que o chegou a conhecer, disse que a imagem daquele sacerdote de joelhos permaneceu indestrutível na sua memória.

Num livro que recolhe as conferências sobre a Eucaristia que dava regularmente aos seminaristas e padres chineses, Freinademetz fala da importância do silêncio após a comunhão, pois o silêncio «exalta, mais do que as palavras, a dignidade e a grandeza de mistério tão maravilhoso e é expressão eloquente de humildade, reverência e admiração». E quando as pessoas «veem o padre em profundo silêncio, humilde modéstia e amor, ao colocar-se na presença do Sagrado, serão inspirados a louvar a Deus».

Liderança

O exercício da autoridade, na Igreja, é em primeiro lugar um serviço. Desde as primeiras comunidades cristãs, sempre se considerou que aqueles que são eleitos ou nomeados para um cargo de liderança estão ao serviço da comunidade. Inspirados nas palavras de Cristo, os cristãos devem exercer cargos de liderança numa atitude de serviço. O evangelista Marcos narra que Jesus e os discípulos chegaram a Cafarnaum e quando estavam em casa Jesus perguntou-lhes o que

é que tinham discutido pelo caminho. Eles «ficaram em silêncio porque, no caminho, tinham discutido uns com os outros sobre qual deles era o maior. Sentando-se, chamou os Doze e disse-lhes: ‘Se alguém quiser ser o primeiro, há de ser o último de todos e o servo de todos’» (Marcos 9,33-35). Noutra ocasião, Jesus chamou os discípulos e disse-lhes: «Sabeis que os chefes das nações as governam como seus senhores, e que os grandes exercem sobre elas o seu poder. Não seja assim entre vós. Pelo contrário, quem entre vós quiser fazer-se grande, seja o vosso servo; e quem no meio de vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo. Também o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida para resgatar a multidão» (Mateus 20,25-28). No exercício de liderança, é importante seguir o conselho do autor da primeira carta de São Pedro: «Como bons administradores das várias graças de Deus, cada um de vós ponha ao serviço dos outros o dom que recebeu» (1 Pd 4,10). Infelizmente, na história da Igreja não faltam exemplos de líderes que abusaram da sua posição para proveito próprio.

Dos líderes de uma comunidade religiosa e missionária como a Congregação do Verbo Divino também se espera esta atitude de serviço, como bem expressam as suas Constituições: «A liderança é, para nós, um compromisso de serviço, que requer uma atitude de solidariedade, respeito e amor» (c. 601). Os capítulos gerais da SVD têm desenvolvido e enriquecido a forma de entender e exercer a liderança

como um serviço. Todos os membros da Congregação, de uma forma ou de outra, exercem cargos de liderança nas paróquias, nas escolas, nos movimentos eclesiais, etc. Nesta matéria, o XVIII Capítulo Geral da SVD afirmou: «comprometemo-nos a renunciar às nossas agendas privadas para servir as nossas comunidades e instituições como líderes» (#37).

José Freinademetz exerceu vários cargos de liderança, quer a nível da Congregação, como superior provincial, quer a nível da igreja local, como administrador diocesano e pró-vigário. Em maio de 1905, Freinademetz escreve ao padre Arnaldo, superior geral da Congregação, solicitando-lhe que envie mais missionários para a China e pede-lhe que estes sejam zelosos e dedicados: «Tende piedade de nós e dos inúmeros pobres chineses que podem ser salvos com facilidade. Por favor, envie-nos muitos, tantos quanto possível, missionários zelosos, com espírito de sacrifício, capazes e felizes no seu trabalho. Tenho a plena convicção de que em nenhum outro lugar se pode alcançar mais do que aqui» (10 de maio de 1905).

Noutra ocasião, pede que o superior geral envie religiosas que sejam «boas, capazes e dóceis, acompanhadas de uma superiora idónea». As primeiras irmãs missionárias, Servas do Espírito Santo, fundadas por Arnaldo Janssen, em 8 de dezembro de 1889, chegaram à China em 1905. Antes, Arnaldo já tinha enviado irmãs para a Argentina, Togo, Nova Guiné,

Estados Unidos e Brasil. A sua presença veio dar um novo impulso à missão, pois elas poderiam assumir a formação das jovens e das catequistas chinesas e a direção dos orfanatos. «Com o tempo – escreve – ocupar-se-ão também das tarefas de enfermagem e de muitas outras coisas segundo as necessidades».

Como superior provincial, Freinademetz é também o responsável pelas irmãs. Todavia, numa carta para Arnaldo, expõe as suas dificuldades no exercício da liderança, pois tem consciência de que não tem todas as capacidades para ser líder. Contudo, obedece sempre aos seus superiores, mesmo quando estes lhe exigem que assuma maiores responsabilidades: «Vossa Reverência conferiu-me o cuidado de nossas boas Irmãs. Apesar de me sentir muito obrigado pela confiança demonstrada, esta nova responsabilidade pressiona-me muito. Todos os dias tenho plena consciência e sinto que me falta o espírito de sabedoria e compreensão que é tão necessário para um governo bem-sucedido. Também me faltam a energia necessária e o dom da palavra para defender o bem que é necessário em todos os lugares. Nesta matéria, passei por tantas experiências amargas como provincial que uma pessoa fica saturada com o cargo de superior. No entanto, esforçar-me-ei por cuidar espiritual e materialmente das nossas boas Irmãs, da melhor forma possível, até que vossa Reverência tome outras providências» (1 de outubro de 1905).

Quando, em 1903, faleceu o bispo João Baptista Anzer, muitos missionários consideravam que José Freinademetz seria o seu sucessor. Todavia, tal não aconteceu. Nessa época, a Alemanha ocupava militarmente Shantung e não queria um bispo estrangeiro e, como Freinademetz era um cidadão austríaco, o governo alemão pressionou a Santa Sé para que ele não fosse nomeado. Todavia, ele próprio reconhecia que não tinha perfil para tal ofício. Numa carta a sacerdote tirolês dizia: «Seguramente, crê que eu chegarei a bispo? Engana-se redondamente! Não se põe uma mitra sobre uma cabeça de palha, não assentaria bem!» Quando chegou a notícia de que o padre Augustine Henninghaus tinha sido nomeado bispo, José escreveu ao superior geral dizendo: «*Deo gratias!* A escolha foi uma sorte. Sim, o mais afortunado que foi possível. O Padre Henninghaus é o homem certo, ricamente dotado de dons de espírito e coração como provavelmente nenhum outro no Shantung do Sul; assim, os missionários, quase sem exceção, estão satisfeitos com a eleição». A nomeação do novo bispo veio dar um novo e grande impulso à missão verbita na China devido à estreita colaboração entre os dois, o bispo e o superior provincial.

Em dezembro de 1905, escreveu ao padre Arnaldo agradecendo-lhe pelas sugestões e advertências que lhe dera para o exercício da liderança. Todavia, confessou: «Eu próprio estou ciente de que em nenhum

aspecto me aproximo do cargo; também não tenho a compreensão necessária e a energia adequada para tal cargo». No entanto, José Freinademetz era muito apreciado pelos seus confrades e pelas irmãs pelo modo suave de exercer a liderança. Era um homem muito sensível e próximo das pessoas. O cardeal Tomás Tien destacou que ele estava «totalmente entregue aos outros, abnegado e esquecido de si próprio». Freinademetz era também um missionário zeloso. O bispo Henninghaus escreveu sobre ele o seguinte: «Possuía essa bondade que não se cansa nunca e conquista os corações, essa paciência inesgotável e essa caridade que fazia esquecer-se de si mesmo. Os cristãos, especialmente os neófitos e a gente simples, estavam-lhe afeiçoados como as crianças aos seus avós». Podíamos dizer, citando o Papa Francisco, que ele era um pastor com o cheiro das ovelhas. O Papa Paulo VI, numa carta por ocasião da beatificação de José Freinademetz, em 19 de outubro de 1975, escreveu: «A sua simpatia, capacidade de acolhimento e amor sem distinções foram fundamentais. Identificou-se profundamente com o modo de ser do povo chinês, a fim de lhes manifestar a bondade e a benevolência do Salvador e, assim, os levar todos para Deus».

Perseguições

Certa ocasião, quando Pedro disse a Jesus que ele e os outros discípulos tinham deixado tudo para o seguir, Jesus respondeu: «Em verdade vos digo: quem deixar casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos ou campos por minha causa e por causa do Evangelho, receberá cem vezes mais agora, no tempo presente, em casas, e irmãos, e irmãs, e mães, e filhos, e campos, juntamente com perseguições, e, no tempo futuro, a vida eterna» (Marcos 10,29-30).

Ao mesmo tempo que ia crescendo a sua vocação missionária, José Freinademetz também ia tomando consciência de que uma vida dedicada ao anúncio do Evangelho está sujeita a sacrifícios e perseguições. Porém, no meio das perseguições confia totalmente em Deus. Numa carta aos pais, escreve: «Muitas vezes estive em perigo de vida e os pagãos conspiraram para me matar, mas o Senhor sempre me protegeu» (7 de fevereiro de 1884).

Na primavera de 1889, Freinademetz tomou conhecimento que um catecúmeno tinha sido ilegalmente condenado por acolher na sua casa cristãos e estrangeiros. José foi pedir a sua libertação ao mandarim. O catecúmeno foi libertado, mas, no dia seguinte, uma multidão irrompeu na estalagem onde José e um catequista se tinham hospedado, agrediram-nos, insultaram-nos e arrastaram-nos pelas ruas da

cidade, ameaçando-os com a morte. Chegando fora da cidade, deixaram-nos acorrentados no chão, mas depois de algum tempo deixaram-nos partir, descalços e sem chapéu. Freinademetz relatou este incidente numa carta aos pais, terminando assim: «Agora esse missionário está curado e feliz e agradece ao Senhor, por ter se dignado a sofrer um pouco por amor a Deus e pelos pobres chineses. Esta história aconteceu em 23 de maio de 1889. E este missionário, que vos saúda de coração e pede as vossas orações, não é outro senão o vosso filho José» (27 de junho de 1889).

Entre 1899 e 1901, ocorreu uma insurreição contra os estrangeiros e contra os cristãos, conhecida como a *Revolta dos Boxers*. Durante esse período revolucionário, os missionários ortodoxos, protestantes e católicos e os seus paroquianos chineses foram perseguidos e massacrados principalmente no norte da China. Numa carta aos seus irmãos, José conta algumas situações dramáticas pelas quais passou. «Refugiei-me em Puoli, que é a nossa maior comunidade cristã; muitos cristãos também se protegeram em Puoli e estávamos mil e duzentas pessoas em casa. Imediatamente depois da minha chegada, os cristãos confessaram-se e prepararam-se para o martírio. Num único dia batizei cerca de cento e quarenta novos cristãos, fiz a exposição do Santíssimo Sacramento e expus uma bela imagem de Nossa Senhora, que, como quase todos os cristãos afirmam, chorou muito. A nossa igreja de Puoli esteve cercada

durante quatro dias. Um dia havia cerca de cinco mil homens com espingardas e outras armas para matar os cristãos e destruir a residência. Os nossos pobres cristãos defendiam-se lá dentro, enquanto mulheres e crianças rezavam de dia e de noite na igreja. Foi Deus que nos salvou; apenas um cristão foi morto» (6 de julho de 1901).

Em todos os momentos da sua vida, Freinademetz dá graças a Deus, nas horas boas e nas adversidades, sofrendo perseguições ou recolhendo os frutos do seu trabalho apostólico. Tudo o que faz é para a glória de Deus e em tudo o que lhe acontece dá graças a Deus. No final da carta onde relata o ataque à missão de Puoli, José escreveu: «Foram dias de muito medo; parecia impossível permanecer vivo por mais tempo. Agora tudo acabou. [...] Louvado seja Deus e que o Senhor queira que eu empregue o resto dos meus dias apenas para a sua glória e para salvar almas! Para quê viver, a não ser para isto?» Freinademetz considerava as perseguições como fazendo parte da cruz que os cristãos e os missionários devem carregar. Numa carta aos pais, escreve: «As cruzes vêm diretamente da mão de Deus e queremos carregá-las não só com resignação, mas com alegria por amor ao Crucificado e para pagar pelos nossos pecados. Sofrer com alegria é a coisa mais bela do mundo, da qual os bem-aventurados do paraíso têm inveja» (9 de fevereiro de 1891).

Todos os recursos ao serviço da missão

Os recursos da Congregação, quer humanos quer materiais, estão ao serviço da missão. As Constituições SVD declaram que a nossa pobreza tem um caráter missionário: «Exige de nós que coloquemos generosamente ao serviço das tarefas missionárias o tempo, os talentos, o trabalho e os bens da comunidade. O uso dos bens materiais na nossa Congregação só se justifica na medida em que estejam ao serviço do Reino de Deus» (c. 210).

Quando Jesus enviou os discípulos proclamar o Reino de Deus, pediu-lhes que não levassem muitas coisas: «Nada leveis para o caminho: nem cajado, nem alforge, nem pão, nem dinheiro; nem tenhais duas túnicas» (Lucas 9,3). Comentando esta passagem bíblica, o XVIII Capítulo Geral da SVD, celebrado em 2018, salientou que «Este ensino de Jesus nos leva a fixar e a dar atenção à maneira como fazemos uso dos recursos que nos foram confiados. Quanto mais experimentamos o amor de Cristo e mais estamos enraizados na sua Palavra, tanto mais nos devemos converter em administradores responsáveis dos dons e bênçãos de Deus. Estamos convidados a continuar a ser pessoas responsáveis na gestão dos nossos bens temporais» (#34).

Para José Freinademetz todos os recursos disponíveis estavam ao serviço da evangelização, apesar de serem insuficientes em comparação com as necessidades no

terreno, nomeadamente o cuidado dos órfãos e dos pobres e a educação das crianças e dos jovens. Por exemplo, numa carta à sua irmã Maria, José mencionava a penúria de recursos financeiros e fazia um pedido: «Se tivéssemos mais abundância de dinheiro, seria fácil ganhar mais almas para o céu. Se tiveres ainda alguns milhares de florins, farias bem em enviá-los para mim para os meus pobres chineses, e tu mesmo terias um rico tesouro esperando-te no paraíso. Ao menos nunca te esqueças de me dar, juntamente com toda a sua família, a esmola das tuas orações» (9 de maio 1895).

Através do voto de pobreza, todos os bens estão ao serviço do Reino. José assim o entendia como podemos ver numa carta para sua mãe: «Todos nós, [missionários] de Steyl, devemos fazer um voto de pobreza, o que significa: tudo o que é meu já não é meu, mas pertence à casa de Steyl, mesmo tudo o que se recebe por herança, tudo pertence à casa de Steyl; já fiz este voto há seis anos; portanto, não tenho mais o direito de dispor de nada, tudo o que tenho não é meu, mas é da casa de Steyl. Lamento muito, minha querida mãe, não poder deixar-lhe esses três denários para que possa viver um pouco mais confortavelmente. Mas o que posso fazer!! Sacrificai também esse pouco dinheiro, querida mãe, para propagar a glória de Deus entre estes pagãos na China, a fim de ganhar mais algumas almas. Deste modo, [a mãe] também terá um grande mérito» (31 de julho de 1892).

Durante a revolta dos *Boxers*, os missionários estrangeiros tiveram de abandonar as suas missões e refugiarem-se na cidade de Tsingtao, situada à beira-mar. Nesse período de grande agitação social, Freinademetz preocupava-se para que não faltassem recursos para cuidar dos órfãos e dos pobres. Quando, em Puoli, o mandarim ordenou que os cristãos fossem expulsos, os órfãos aí residentes foram evacuados para Tsingtao. É significativa a sugestão que deu aos seus confrades. Bornemann conta que Freinademetz se preocupou com a situação, sobretudo com os grupos de órfãos que estavam a caminho de Tsingtao. «Eles estão absolutamente desamparados», escreveu ele ao padre Bartels, de Tsingtao. «Por favor, tenham a gentileza de fazer algo por eles. Dada a situação em que estão, não devemos hesitar em incorrer em algumas despesas extras para salvar o que ainda pode ser salvo». Na retirada para a cidade, muitos missionários tinham levado os seus cavalos e era muito dispendioso alimentá-los. «Penso que seria melhor vender os cavalos», sugeriu Freinademetz.

Os recursos humanos também estão ao serviço da missão. José Freinademetz não era um missionário que trabalhava sozinho. Para além dos outros padres da Congregação, focados principalmente no trabalho pastoral, é importante mencionar o papel dos Irmãos missionários, das religiosas e dos catequistas leigos. Os Irmãos, colocando em prática o que aprenderam

em Steyl, foram exímios construtores de igrejas e escolas, fundaram tipografias para a divulgação de literatura espiritual, catequética e devocional. As irmãs missionárias de Steyl, presentes na China desde 1905, exerceram um papel fundamental nas áreas da educação e da saúde. «Temos entre nós, desde há dois anos, as Irmãs de Steyl, que fazem um grande bem», escreveu Freinademetz numa carta a uma senhora Maria da paróquia de San Martino (13 de dezembro de 1907). Os catequistas tinham um papel importante na animação das pequenas comunidades cristãs dispersas por aquele vasto território. Por isso, Freinademetz dedicou tempo e talento à formação dos catequistas, homens e mulheres. Sob a sua orientação, uma vez por ano, os catequistas de um determinado território reuniam-se para alguns dias de formação permanente, aprofundamento da fé e programação.

José Freinademetz também considerava fundamental para o crescimento da Igreja a formação de sacerdotes chineses. Num texto de preparação para o sínodo diocesano do Shantung do Sul, realizado em agosto de 1892, escreveu: «Os padres chineses não são padres de segunda classe. Para eles como para os sacerdotes europeus existe apenas uma ordem de precedência: a duração do serviço na missão. Todos os ofícios e dignidades da Igreja devem estar abertos aos sacerdotes chineses, da mesma forma que o são para os sacerdotes europeus; sem qualquer discriminação».

Votos perpétuos

Os padres missionários de Steyl estavam ligados à Congregação por uma promessa de obediência. O capítulo geral, realizado entre 1884 e 1886, no qual o bispo Anzer participou, decidiu substituir essa promessa pelos três votos de pobreza, castidade e obediência, como já era prática entre os Irmãos missionários. Assim, em fevereiro de 1885, todos os clérigos que estavam em Steyl professaram os três votos.

Na China, a profissão dos clérigos teve lugar no dia 15 de agosto de 1886, festa da Assunção da Virgem Santa Maria. O bispo celebrou uma missa pontifical; depois, diante do Santíssimo Sacramento exposto no altar, presidiu à cerimónia da profissão dos votos. Na pequena capela de Puoli, Freinademetz professou pobreza, castidade e obediência para sempre de acordo com a Regra da Congregação. A propósito deste evento, anotou no seu diário estas palavras: «Então pronunciamos os nossos votos. Eu, pela graça de Deus e com a autorização dos meus superiores, para sempre. Irmão José, os dados estão lançados. Reza, trabalha e sacrifica-te, sofre e resiste toda a tua vida pelos teus amados chineses. Depois, quando chegares ao entardecer da vida e estiveres deitado no teu leito de morte, poderás adormecer rodeado pelos teus queridos chineses. *Adieu!* Adeus para sempre, querida pátria de além mar!»

Ao vincular-se para sempre à obra missionária de Steyl, Freinademetz também teve a certeza que permaneceria para sempre na China. Anos mais tarde, quando Arnaldo Janssen quis que ele regressasse à Europa para participar em algumas atividades da Congregação, pediu que fosse dispensado desse dever. «Na minha última carta, pedi a Vossa Reverência que me dispensasse gentilmente de uma eventual viagem à Europa ou que permitisse que outro confrade tomasse o meu lugar. Gostaria de pedir mais uma vez com urgência que considere o meu pedido» (14 de fevereiro de 1905). Arnaldo tentou convencê-lo a mudar de ideia e, por obediência, José acabou por aceitar, escrevendo: «Quanto à minha convocação para o capítulo geral, que Vossa Reverência faça o que lhe parecer correto. É meu dever obedecer, mesmo que a obediência custe sacrifício!» (21 de junho de 1905). Todavia, o superior geral acabou por aceitar as suas razões e Freinademetz permaneceu na China sem nunca mais regressar à Europa.

Algumas comunidades religiosas tendem a sobrevalorizar a data ordenação sacerdotal em detrimento da data da profissão de votos. Razões desta tendência podem ser, por exemplo, o peso teologia tradicional que, durante séculos, atribuiu aos clérigos um estatuto especial na Igreja face aos leigos ou a secundarização dos trabalhos manuais que, no passado, eram a característica principal dos irmãos religiosos. Esta tendência é uma forma subtil

para acentuar a função sacerdotal dos presbíteros religiosos em detrimento da sua função profética.

As Constituições da Congregação do Verbo Divino acentuam a importância da profissão dos votos ao afirmarem: «O Verbo de Deus feito homem, no Seu amor redentor, é a fonte e o modelo da nossa santidade apostólica. Ao fazermos votos públicos, simples, de castidade consagrada, pobreza evangélica e obediência apostólica, respondemos ao Seu chamamento e O seguimos pelo caminho dos conselhos evangélicos. Por estes votos, o nosso compromisso com o Senhor, com os membros da nossa Congregação e com a Igreja torna-se mais forte. Eles nos dão maior equilíbrio e liberdade para as nossas tarefas missionárias. Por esta nova consagração, a santidade recebida no batismo é incrementada de um modo especial através de uma vida de serviço missionário» (c. 201). José Freinademetz foi um missionário zeloso e um religioso exemplar; apaixonado pelo Evangelho e solidário com o povo. A sua entrega à missão continua a ser fonte de inspiração para aqueles que querem seguir Jesus Cristo através dos conselhos evangélicos.

Modelo de inculturação evangélica

O Papa João Paulo II, na encíclica *Redemptoris missio* (1990) sobre a validade permanente do mandato missionário, afirmava que a inculturação permite

ao missionário tornar-se cada vez mais próximo do povo a quem evangeliza, tornando-se mais sensível aos seus valores e respeitador das suas formas de expressão cultural. Na sua opinião, os missionários devem inserir-se no mundo sociocultural daqueles a quem são enviados. Esta inserção não significa ter de renegar à própria identidade cultural, «mas de compreender, estimar, promover e evangelizar a do ambiente em que atuam e, deste modo, conseguir realmente comunicar com ele, assumindo um estilo de vida que seja sinal de testemunho evangélico e de solidariedade com o povo» (RM 53).

João Paulo II menciona dois aspetos que devem caracterizar o estilo de vida do missionário: testemunho evangélico e solidariedade com o povo. José Freinademetz assumiu este estilo de vida, imitando Jesus na sua entrega ao anúncio do Reino, como escreve numa carta à família: «Não estou aqui por capricho ou para ganhar ouro e prata, mas para ganhar almas compradas com o sangue mais precioso de Deus» (28 de abril de 1979). E é com alegria que partilha a vida com o povo, como declara numa carta ao seu afilhado Francisco: «Estou muito feliz por viver e morrer entre os meus pobres chineses» (28 de maio de 1902).

Segundo o Concílio Vaticano II, a palavra «cultura» indica, em geral, «todas as coisas por meio das quais o homem apura e desenvolve as múltiplas capacidades do seu espírito e do seu corpo; se esforça por dominar,

pelo estudo e pelo trabalho, o próprio mundo; torna mais humana, com o progresso dos costumes e das instituições, a vida social, quer na família quer na comunidade civil; e, finalmente, no decorrer do tempo, exprime, comunica aos outros e conserva nas suas obras, para que sejam de proveito a muitos e até à inteira humanidade, as suas grandes experiências espirituais e as suas aspirações». Diferentes culturas «dão origem a diferentes estilos de vida e diversas escalas de valores». (*Gaudium et spes* 53). As diferenças entre as culturas são reais e manifestam a riqueza artística e intelectual da humanidade. Através do intercâmbio intercultural, podemos descobrir novos horizontes e criar novas dinâmicas no relacionamento entre pessoas e grupos e, a partir das experiências de todos, promover mudanças positivas que a todos beneficiam.

Acolher o outro na sua diferença e na sua riqueza exige um contínuo processo de diálogo. Este traduz-se numa atitude de abertura caracterizada pela escuta que sabe acolher o outro e aquilo que ele tem para nos oferecer e dizer. Esta abertura ao outro implica o respeito pelas suas convicções, história e percursos existenciais, nomeadamente a sua procura de Deus, os rituais e as doutrinas através das quais vive e expressa a sua crença. Acolher o outro na sua diferença requer também o cultivo de uma atitude profética, no sentido de discernir quer aquilo que é positivo quer negativo na nossa cultura e na cultura dos outros e agir em consequência.

Na época em que José Freinademetz viveu, a teologia não falava de inculturação nem de missão intercultural. Todavia, podemos vislumbrar nele alguns elementos que irão constituir o cerne da missão entendida como inculturação da fé. Freinademetz era o presidente da comissão preparatória do sínodo diocesano do Shantung do Sul. Ele defendia que o sínodo deveria discutir questões importantes para a prática missionária. Entre elas estava a atitude a ter face aos costumes e tradições chinesas. Freinademetz defende que os missionários devem «ter cuidado para não perturbar os costumes do povo deste país desde que esses costumes não sejam supersticiosos. Em vez disso, para o melhor da sua capacidade, devem adaptar-se a esses costumes e, assim, ganhar respeito universal para si mesmos. Não há nada mais inadequado do que tentar importar para a China os costumes da França, Alemanha e Itália. Importai não os costumes do estrangeiro, mas a nossa fé que não despreza os costumes ou tradições de qualquer nação, desde que não sejam más. Pelo contrário, sabe apreciá-las».

A sua vida recorda-nos que a missão se faz na proximidade e no diálogo com as pessoas e esta atitude facilita o anúncio do Evangelho e o seu acolhimento pelos ouvintes. Neste processo, Freinademetz é um notável exemplo, como afirmou João Paulo II, na homilia da sua canonização, a 5 de outubro de 2003: «Com a tenacidade típica de um montanhês, esta generosa ‘testemunha do amor’ fez de si mesmo um

dom às populações chinesas no Shantung meridional. Abraçou por amor e com amor a sua condição de vida, segundo o conselho que ele mesmo dava aos seus missionários: ‘O trabalho missionário será em vão, se não amarmos e se não formos amados’. Modelo exemplar de inculturação evangélica, este santo imitou Jesus, que salvou os homens compartilhando profundamente a sua existência». Neste processo, o primeiro passo foi aprender chinês, vestir-se como os chineses e alimentar-se como os chineses. Mas o passo mais importante foi a transformação interior, um processo difícil e demorado. Com o passar dos anos, Freinademetz foi-se adaptando à cultura e à mentalidade chinesas ao ponto de se sentir bem entre o povo e considerar a China como a sua segunda pátria. Por isso, já podia escrever aos pais, dizendo: «da minha parte desejo viver e morrer na China, se assim aprouver a Deus» (19 de outubro de 1888) e numa outra carta dizia-lhes: «Sabei que estou muito bem, alegre e contente, isto é suficiente para vós» (8 de maio de 1889).

Voglio restare cinese ancora in paradiso

Há já alguns anos, numa entrevista, o escritor português Rentes de Carvalho disse que para ele «hoje, as viagens são as pessoas». De facto, é o encontro com as pessoas que torna as viagens ricas e interessantes.

Quando saímos da comodidade dos circuitos turísticos e encontramos as pessoas nos locais onde vivem, trabalham, praticam a sua religião ou se divertem, podemos conhecer melhor outras culturas e religiões, questionar os nossos preconceitos, alargar os horizontes da nossa mente e aprender coisas novas.

José Freinademetz viajou para a China por causa das pessoas e isso fez toda a diferença. Ele nunca esqueceu, nem deixou de amar, as suas raízes tirolezas e as suas origens familiares e culturais, mas no longo contacto com os chineses adquiriu uma nova visão sobre o mundo e sobre si próprio ao ponto de querer permanecer chinês também no paraíso.

Alguns teólogos, por exemplo Jacques Dupuis, utilizam a expressão «dupla pertença» como uma hipótese para melhor enraizar o Evangelho nas diferentes culturas e cultivar o diálogo entre as religiões. Se a dupla pertença parece difícil a nível da religião, já ao nível da cultura existe essa possibilidade. E neste campo, o exemplo de José Freinademetz é paradigmático: ele tornou-se chinês de coração sem deixar de ser tirolês. As dificuldades que teve de enfrentar, os preconceitos que teve de desconstruir e o árduo caminho interior que teve de percorrer para conhecer o outro – culturalmente falando – na sua diferença, pode inspirar hoje caminhos de diálogo, respeito mútuo, colaboração e transformação espiritual entre pessoas e grupos de culturas e religiões diferentes.

No ano em que fez a profissão de votos, José escreveu à família dizendo: «Garanto-vos que eu amo a China e os chineses e estou pronto a morrer mil vezes por eles. É sempre possível que meu superior em Steyl me chame de volta para lá, como já referi anteriormente. Eu respondi que obedecerei até a morte, mas o maior sacrifício que ele poderia pedir-me seria regressar à Europa. Faça-se a vontade de Deus e não a minha. Agora que não tenho tanta dificuldade com a língua, e que também conheço o povo e os costumes chineses, reconheço a China como minha pátria, como o meu campo de batalha onde desejo morrer. Ver-vos-ei novamente no céu com a ajuda de Deus. Se agora regressasse para Badia, já seria quase um estranho. Estou na China há sete anos e, se for a vontade de Deus, gostaria de ficar setenta» (22 de março de 1886).

Noutra ocasião, escrevendo à sua irmã Maria, que perdera dois filhos por causa da difteria, confessa: «Não sei se ainda terei a possibilidade de te voltar a ver, quero viver e morrer com os meus chineses» (16 agosto 1893). E, numa carta ao seu amigo Francisco Thäler, afirma: «Quanto a mim, sempre amei os meus queridos chineses e não tenho outro desejo senão viver e morrer com eles. O número dos nossos convertidos pela graça de Deus vai sempre aumentando e no meio de muitas tribulações também somos ricos de consolações. Agora sou mais chinês do que tirolês e quero continuar chinês também no céu» (9 de fevereiro de 1982).

conclusão

Nalguns países da África Ocidental, é frequente verem-se carros e autocarros ornamentados com provérbios inspirados na cultura local ou em versículos da Sagrada Escritura. No Gana, por exemplo, veem-se com frequência estas duas frases: *Gye Nyame* e *Travel and See*. O primeiro significa que tudo passa, exceto Deus; o segundo é obviamente um convite a viajar e descobrir o mundo.

As viagens abrem-nos horizontes novos, fazem-nos mudar de perspetiva, questionar preconceitos. Não é indiferente olhar o mundo a partir dos centros do poder político, económico e eclesial, ou a partir das periferias. O Papa Francisco desafiou os cristãos a saírem em missão para as periferias, sobretudo existenciais, para ver o mundo com outros olhos. Na encíclica *Fratelli tutti* diz que «De todos se pode aprender alguma coisa, ninguém é inútil, ninguém é supérfluo. Isto implica incluir as periferias. Quem vive nelas tem outro ponto de vista, vê aspetos da realidade que não se descobrem a partir dos centros de poder onde se tomam as decisões mais determinantes» (#215).

Numa perspectiva cristã, a vida é uma peregrinação da terra ao céu através do mar da vida. São José Freinademetz pode ser inspiração e apoio para deixar o chão onde nos sentimos seguros e entrar em novas situações existenciais onde poderemos desenvolver plenamente os nossos talentos e dons, em suma, a nossa vocação humana e cristã. A sua vida é um insigne exemplo das várias etapas que os missionários têm de superar para serem fecundos na missão. Freinademetz foi enviado em missão, partiu, chegou ao destino e ali permaneceu para sempre. Estas são as etapas da missão desde os primórdios da Igreja.

Ser missionário é ser enviado para anunciar o evangelho do Reino, seguindo o exemplo de Jesus. Enviado pelo Pai para ser a luz do mundo, Jesus veio não para condenar o mundo, mas para o salvar (cf. João 12,47), dando corpo à profecia de Isaías (cf. Lucas 4,17-19): levar a Boa Nova aos pobres, anunciar a libertação aos prisioneiros, dar vista aos cegos, pôr em liberdade os oprimidos e proclamar um tempo de graça do Senhor. Depois, Jesus enviou os discípulos em missão, dizendo: «Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado» (Mateus 28,19-20).

O envio requer, naturalmente, um segundo passo: partir. «Eles puseram-se a caminho e foram de aldeia em aldeia anunciando a Boa Nova e realizando curas

por toda a parte» (Lucas 9,6). Este passo, talvez seja o mais doloroso, pois exige deixar a família, os amigos, a segurança adquirida de quem conhece o meio onde se vive, o trabalho a que se está habituado e a carreira profissional. A partida exige uma atitude de desprendimento e a liberdade para aceitar desafios e sacrifícios, como Abraão, a quem o Senhor disse: «Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar» (Génesis 12,1-2).

A terceira etapa é chegar ao destino e permanecer junto do povo. Alcançar esta meta pode demorar anos, mas o resultado é indiscutivelmente positivo, como reconhece José Freinademetz numa carta aos pais: «Por isso, informo-vos novamente que estou absolutamente bem, contente, com saúde e feliz e que não posso agradecer bastante ao Senhor, que me fez missionário na China, não quero estar em mais lado nenhum» (7 de fevereiro de 1884). A China era a sua nova pátria e tinha os chineses em grande estima e consideração. Numa carta datada de 8 de julho de 1884, da qual há apenas alguns excertos, afirma: «Os chineses são muito inteligentes, têm bom talento, sabem falar como doutores, mesmo os camponeses, todos sabem fazer cerimónias refinadas e nesta matéria ultrapassam os europeus. Eles próprios o sabem, por isso odeiam os estrangeiros e são orgulhosos, são verdadeiramente a primeira nação do mundo, só lhes falta o cristianismo».

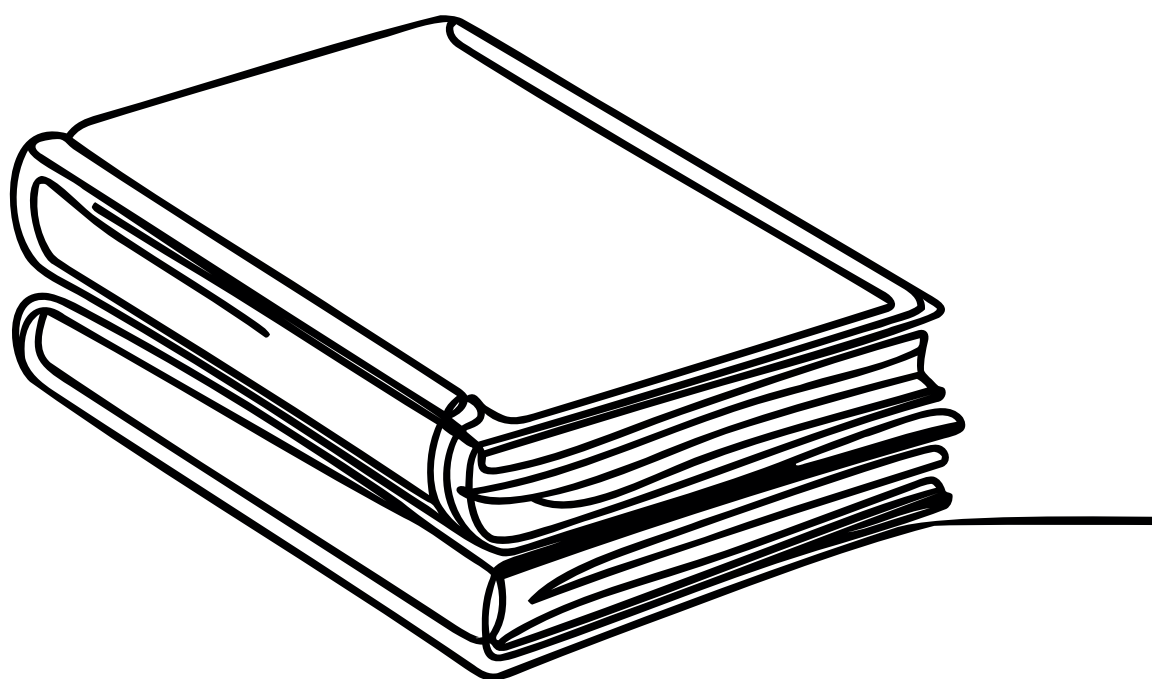
São José Freinademetz terminou a sua peregrinação neste mundo no dia 28 de janeiro de 1908, em Taikia, vítima de febre tifoide. Nesse dia, concluía-se também o caminho missionário de Freinademetz: caminho do «partir» ao «permanecer», da sua amada terra no Tirol à antecâmara do céu, na China. Este ano (2025) celebram-se 150 anos da sua ordenação sacerdotal e, em breve (2029), 150 anos da sua partida de Steyl e da chegada à China. Muitas coisas mudaram na Igreja, na China e no mundo ao longo destes 150 anos. Todavia, ainda podemos aprender muito com a sua vida e a sua entrega à proclamação do Evangelho. A sua paixão pela missão, a sua fé inabalável em Deus e a sua dedicação generosa ao serviço do povo da China são inspiração para os missionários de todos os tempos.

NOTA BIBLIOGRÁFICA

Este pequeno livro não é uma biografia, mas uma interpretação pessoal e, por isso, muito subjectiva da vida de São José Freinademetz. A leitura de algumas obras importantes sobre o santo de Oies foi determinante para a elaboração deste livrinho. Em português há dois bons livros: Carlos Pape e J. M. Vergara, *José Freinademetz. Um tirolês que amou os chineses*, Fátima, 2000 e José Hipólito Jerónimo, *São José Freinademetz. A linguagem do amor*, Lisboa, 2008. A tradução inglesa da excelente biografia escrita em alemão por Fritz Bornemann, *As Wine Poured Out. Blessed Joseph Freinademetz SVD. Missionary in China 1879-1908*, Rome, 1984, serviu para confirmar ou esclarecer algumas datas e eventos da vida de Freinademetz. A tradução espanhola do original alemão do livro de Sepp Hollweck, *El chino del Tirol*, Estella, 2009, fornece algumas informações importantes sobre a vida e a cultura do Tirol no tempo de Freinademetz.

A coleção das cartas que Freinademetz escreveu para a família e amigos é um tesouro inesgotável para ter dele um conhecimento mais íntimo e familiar: Pietro Irsara (ed.), *Lettere di un santo. L'amore per il prossimo, la famiglia e la Badia*. A correspondência epistolar entre José Freinademetz e Arnaldo Janssen: Richard Hartwich, *Arnold Janssen and Joseph Freinademetz. Correspondence Between Two Saints (1904-1907)*, Roma, 2008, ajuda-nos a compreender o seu papel como administrador e superior provincial da SVD na China. A tradução para português dos excertos das suas cartas são da minha inteira responsabilidade.

As conferências que Freinademetz fez sobre a Eucaristia, em chinês, estão traduzidas em inglês: Joseph Freinademetz, *The Most Holy Sacrifice of the New Covenant*, traduzidas e editadas por Stanley Plutz, Tagaytay, 1980.



Os meus agradecimentos vão para o P. Anselmo Ribeiro, Superior Geral da SVD que teve a amabilidade de escrever o prefácio onde, de uma forma concisa, conseguiu transmitir o essencial daquilo que eu procurei partilhar ao longo de muitas páginas. A minha gratidão vai também para o P. António Leite, Secretário das Missões SVD e para o P. José Maria Cardoso, Superior Provincial SVD, pelo encorajamento dado para que este livro visse a luz do dia.

Agradeço igualmente ao professor António Teixeira; este texto seria menos legível sem a sua exigente e amigável leitura. A minha gratidão estende-se também à Ana Rocha que formatou o texto e desenhou a capa, a partir de um quadro de São José Freinademetz da autoria de Charlos Yustino Langgu, SVD, que se encontra no Noviciado SVD de Kuwu, Indonésia. Agradeço, também, a Antonius Kaba, SVD, autor da foto, a partir da qual a Ana Rocha criou a capa.

ÍNDICE

Prefácio.....	5
Introdução.....	9
1. A Terra.....	15
2. O Mar.....	33
3. O Céu.....	55
Conclusão.....	90
<i>Nota bibliográfica.....</i>	94

Este livro apresenta-nos o **percurso missionário de São José Freinademetz sob o ponto de vista da contemplação, salientando a pessoa, o meio e o conteúdo da sua ação missionária.** A releitura que José Antunes faz é, simultaneamente, uma síntese e um convite para abraçar com entusiasmo a missão.

